

PART of the ISLAND of MACAO belonging to the CHINESE

A PLAN
of the
CITY AND HARBOUR OF MACAO
A COLONY OF THE PORTUGUESE
situated on the southern extremity of the
CHINESE EMPIRE

Authorised by the Portuguese Government

REFERENCES

PORTS	REFERENCES
1. Fort of St. Peter	1. Fort of St. Peter
2. Fort of St. Paul	2. Fort of St. Paul
3. Fort of St. John	3. Fort of St. John
4. Fort of St. James	4. Fort of St. James
5. Fort of St. George	5. Fort of St. George
6. Fort of St. Francis	6. Fort of St. Francis
7. Fort of St. Anthony	7. Fort of St. Anthony
8. Fort of St. Martin	8. Fort of St. Martin
9. Fort of St. Raphael	9. Fort of St. Raphael
10. Fort of St. Elizabeth	10. Fort of St. Elizabeth
11. Fort of St. Catherine	11. Fort of St. Catherine
12. Fort of St. Barbara	12. Fort of St. Barbara
13. Fort of St. Ursula	13. Fort of St. Ursula
14. Fort of St. Agatha	14. Fort of St. Agatha
15. Fort of St. Lucia	15. Fort of St. Lucia
16. Fort of St. Rose	16. Fort of St. Rose
17. Fort of St. Ann	17. Fort of St. Ann
18. Fort of St. Margaret	18. Fort of St. Margaret
19. Fort of St. Mary	19. Fort of St. Mary
20. Fort of St. Elizabeth	20. Fort of St. Elizabeth
21. Fort of St. Catherine	21. Fort of St. Catherine
22. Fort of St. Barbara	22. Fort of St. Barbara
23. Fort of St. Ursula	23. Fort of St. Ursula
24. Fort of St. Agatha	24. Fort of St. Agatha
25. Fort of St. Lucia	25. Fort of St. Lucia
26. Fort of St. Rose	26. Fort of St. Rose
27. Fort of St. Ann	27. Fort of St. Ann
28. Fort of St. Margaret	28. Fort of St. Margaret
29. Fort of St. Mary	29. Fort of St. Mary
30. Fort of St. Elizabeth	30. Fort of St. Elizabeth
31. Fort of St. Catherine	31. Fort of St. Catherine
32. Fort of St. Barbara	32. Fort of St. Barbara
33. Fort of St. Ursula	33. Fort of St. Ursula
34. Fort of St. Agatha	34. Fort of St. Agatha
35. Fort of St. Lucia	35. Fort of St. Lucia
36. Fort of St. Rose	36. Fort of St. Rose
37. Fort of St. Ann	37. Fort of St. Ann
38. Fort of St. Margaret	38. Fort of St. Margaret
39. Fort of St. Mary	39. Fort of St. Mary
40. Fort of St. Elizabeth	40. Fort of St. Elizabeth
41. Fort of St. Catherine	41. Fort of St. Catherine
42. Fort of St. Barbara	42. Fort of St. Barbara
43. Fort of St. Ursula	43. Fort of St. Ursula
44. Fort of St. Agatha	44. Fort of St. Agatha
45. Fort of St. Lucia	45. Fort of St. Lucia
46. Fort of St. Rose	46. Fort of St. Rose
47. Fort of St. Ann	47. Fort of St. Ann
48. Fort of St. Margaret	48. Fort of St. Margaret
49. Fort of St. Mary	49. Fort of St. Mary
50. Fort of St. Elizabeth	50. Fort of St. Elizabeth
51. Fort of St. Catherine	51. Fort of St. Catherine
52. Fort of St. Barbara	52. Fort of St. Barbara
53. Fort of St. Ursula	53. Fort of St. Ursula
54. Fort of St. Agatha	54. Fort of St. Agatha
55. Fort of St. Lucia	55. Fort of St. Lucia
56. Fort of St. Rose	56. Fort of St. Rose
57. Fort of St. Ann	57. Fort of St. Ann
58. Fort of St. Margaret	58. Fort of St. Margaret
59. Fort of St. Mary	59. Fort of St. Mary
60. Fort of St. Elizabeth	60. Fort of St. Elizabeth
61. Fort of St. Catherine	61. Fort of St. Catherine
62. Fort of St. Barbara	62. Fort of St. Barbara
63. Fort of St. Ursula	63. Fort of St. Ursula
64. Fort of St. Agatha	64. Fort of St. Agatha
65. Fort of St. Lucia	65. Fort of St. Lucia
66. Fort of St. Rose	66. Fort of St. Rose
67. Fort of St. Ann	67. Fort of St. Ann
68. Fort of St. Margaret	68. Fort of St. Margaret
69. Fort of St. Mary	69. Fort of St. Mary
70. Fort of St. Elizabeth	70. Fort of St. Elizabeth
71. Fort of St. Catherine	71. Fort of St. Catherine
72. Fort of St. Barbara	72. Fort of St. Barbara
73. Fort of St. Ursula	73. Fort of St. Ursula
74. Fort of St. Agatha	74. Fort of St. Agatha
75. Fort of St. Lucia	75. Fort of St. Lucia
76. Fort of St. Rose	76. Fort of St. Rose
77. Fort of St. Ann	77. Fort of St. Ann
78. Fort of St. Margaret	78. Fort of St. Margaret
79. Fort of St. Mary	79. Fort of St. Mary
80. Fort of St. Elizabeth	80. Fort of St. Elizabeth
81. Fort of St. Catherine	81. Fort of St. Catherine
82. Fort of St. Barbara	82. Fort of St. Barbara
83. Fort of St. Ursula	83. Fort of St. Ursula
84. Fort of St. Agatha	84. Fort of St. Agatha
85. Fort of St. Lucia	85. Fort of St. Lucia
86. Fort of St. Rose	86. Fort of St. Rose
87. Fort of St. Ann	87. Fort of St. Ann
88. Fort of St. Margaret	88. Fort of St. Margaret
89. Fort of St. Mary	89. Fort of St. Mary
90. Fort of St. Elizabeth	90. Fort of St. Elizabeth
91. Fort of St. Catherine	91. Fort of St. Catherine
92. Fort of St. Barbara	92. Fort of St. Barbara
93. Fort of St. Ursula	93. Fort of St. Ursula
94. Fort of St. Agatha	94. Fort of St. Agatha
95. Fort of St. Lucia	95. Fort of St. Lucia
96. Fort of St. Rose	96. Fort of St. Rose
97. Fort of St. Ann	97. Fort of St. Ann
98. Fort of St. Margaret	98. Fort of St. Margaret
99. Fort of St. Mary	99. Fort of St. Mary
100. Fort of St. Elizabeth	100. Fort of St. Elizabeth

A Scale of one English mile



ISLAND FORMING

NORTH SIDE of the TYPH

ISLAND on the WEST SIDE of the TYPH

City of Broken Promises

Enquanto Romance Histórico

ROGÉRIO MIGUEL PUGA*

Antes de analisarmos a representação da Macau setecentista no romance histórico *City of Broken Promises* (CBP), 1967, de Austin Coates (1920-1997), torna-se necessário definir o conceito de romance histórico, tarefa que nos leva simultaneamente para o campo da História e da ficção ou da ficcionalização da História,¹ uma vez que o subgénero supõe a existência de referentes extratextuais verificáveis, que sustentam parte da rede de significações do texto ficcional, como acontece na obra de Coates, não devendo estes ser considerados reflexos exactos da realidade. Uma definição de índole narratológica de romance histórico deve partir da ponderação entre o romance como género e a História como fenómeno capaz de ser textualmente representado,² relacionando-se a especificidade do subgénero também com a propensão narrativa da historiografia,³ em função da matriz temporal que rege a narratividade de ambos.⁴

A representação da consciência e do tempo históricos como realidades passíveis de serem ficcionalizadas é o ponto de partida crucial para a classificação do romance histórico, questão que se relaciona intimamente quer com as fronteiras que separam a realidade da ficção quer com “o que só os romances podem dizer”.⁵ David Cowart define o subgénero com base na proeminência

do passado e da consciência histórica,⁶ enquanto, para Mary Lascelles e Haskell M. Block, esta inter-relação entre ficção e História demonstra o poder do romancista para incentivar, uma vez que o material histórico utilizado por este pode ser posteriormente investigado pelo leitor.⁷

Avrom Fleishman,⁸ Elisabeth Wesseling⁹ e Michel Vanoosthuysen¹⁰ caracterizam o romance histórico como híbrido, devido à relação metafórica que a intriga estabelece com os acontecimentos históricos, enquanto, segundo Ludomír Doležel, “*fictional poesis constructs a possible world that did not exist prior to the act of writing, [and] historical noesis uses writing to construct models of the past that exist (existed) prior to the writing.*”¹¹ A natureza híbrida do romance histórico é, portanto, espelhada pela sua dimensão dupla, como a própria designação indica, ou seja, trata-se de uma narrativa ficcional em que os elementos espaço-temporais específicos de uma dada época são predominantes. Esta característica específica do subgénero surge do jogo premeditado de interpenetração das duas esferas que lhe conferem o carácter duplo e, como afirma Carlos Ceia, nenhuma das “visões” presentes no subgénero é cientificamente histórica, pois “o Autor não consegue, premeditadamente, fugir ao comentário ficcional dos factos narrados [...]”. Por causa do incómodo amor à verdade objectiva, um historiador não pode falar da hipocrisia dos factos e das ideias de figuras no passado; tal prerrogativa pertence ao romancista”.¹²

Neil McEwan¹³ também caracteriza o romance histórico como híbrido, defendendo, a propósito do

* Doutorado em Estudos Anglo-Portugueses. Professor Auxiliar da Universidade de Macau. Investigador do Centro de Estudos Anglo-Portugueses, do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

Ph.D. in Anglo-Portuguese Studies. Assistant Professor, University of Macau. Researcher at the Centre for Anglo-Portuguese Studies and at the Centre for Overseas History in Lisbon's Universidade Nova, and at Lisbon University's Centre for Comparative Studies.

Macau em finais do século XVIII. Gravura de Benjamin Baker, c. 1796.

LITERATURA

conceito de ‘romance não ficcional’, que o termo sinónimo *faction* é insatisfatório, pois todo o romance acaba por ser ficção, ou seja, apesar de os acontecimentos históricos fazerem parte da intriga, esta última é fruto da imaginação criativa do romancista, concluindo: “*The history and the fiction cannot be judged apart, and this sort of writing will never satisfy purists.*”¹⁴ Alessandro Manzoni, autor de *I promessi sposi* (1827), numa abordagem historicista do subgénero, critica o mesmo por considerar que a verdade factual é incompatível com a ficção,¹⁵ tendo também afirmado que a História nos apresenta acontecimentos que apenas são conhecidos do exterior, uma vez que as palavras, o pensamento e os sentimentos humanos permanecem em silêncio, sendo, portanto, domínio da poética.¹⁶

Nenhum leitor informado lê um romance (histórico) para aprender História da mesma forma que consulta um estudo historiográfico, daí que Avrom Fleishman refira a verdade simbólica do romance histórico¹⁷ ao defini-lo nos seguintes termos: “*when life is seen in the context of history, we have a novel; when the novel’s characters live in the same world as the historical persons, we have a historical novel. [...] The ultimate subject of the historical novel is, then, man in history, or human life conceived as historical life.*”¹⁸ *CBP*, ao apresentar o percurso formativo e a vitória de Martha na Macau setecentista, coaduna-se com esta definição, no entanto, a protagonista que se move na acção ficcional não é um reflexo exacto da figura histórica com a qual partilha o nome e alguns traços biográficos, como o leitor informado pode concluir, sendo esse processo de caracterização das personagens ‘históricas’ uma estratégia narrativa inerente à construção do romance histórico. Também Sir Walter Scott, tido como responsável pela introdução da caracterização pormenorizada do quotidiano de épocas recuadas no romance inglês,¹⁹ ao comentar a relação entre Literatura e História nos seus próprios textos, chama a atenção para a base histórica da narrativa ficcional:

“A poor fellow like myself [...] looks out for some general subject in the huge and boundless field of history [...], which he thinks may be advantageously used as the basis of a fictitious narrative – bedizens it with such colouring as his skill suggests – ornaments it with such romantic circumstances as may heighten the general effect [...] and thinks, perhaps, he has done some service to the public, if he can present to them a lively fictitious picture, for which the original

*anecdote or circumstance which he made free to press into his service only furnished a slight sketch. [...] The stores of history are accessible to every one [...]. And in reply to the sober charge of falsehood, against a narrative announced positively to be fictitious, one can only answer, by Prior’s exclamation, ‘Odzooks, must one swear to the truth of a song?’”*²⁰

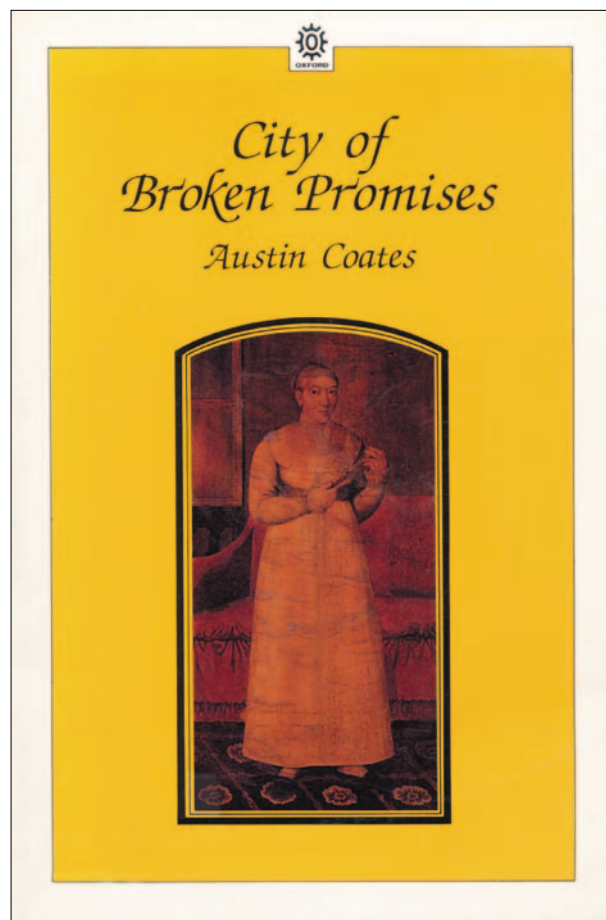
Terry Eagleton afirma que o aproveitamento do material histórico no romance se rege pelas leis da produção literária e “reflecte” o presente de forma codificada,²¹ enquanto José Saramago descreve as duas opções do autor que escolhe para a sua ficção ora os caminhos da História como reprodução fiel dos factos conhecidos ora o entretecer de dados históricos “não mais que suficientes num tecido ficcional que se manterá predominante.”²² Essa duplicidade do subgénero e o poder de sugestão do romancista levam Patrícia Drumond Borges Ferreira a confessar, na introdução da sua dissertação de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, publicada em 2002:

“Depois da leitura do romance histórico de Austin Coates *The [sic] City Of Broken Promises*, baseado na história, de finais do século XVIII, entre o filho do fundador do Lloyd’s Bank e uma macaense [...] propusemo-nos estudar as relações sociais, políticas, diplomáticas e económicas mantidas entre portugueses e ingleses na China Meridional, no decurso do século XVII.”²³

A autora adianta ainda que a obra ficcional lhe proporciona “o questionar de algumas das atitudes entre portugueses e ingleses, em Macau”, permitindo-lhe procurar respostas para diferentes questões, “todas levantadas pela leitura deste romance”,²⁴ ou seja, o seu estudo tem como ponto de partida motivacional *CBP*, que suscita, de acordo com a mesma, problemáticas em torno da História do enclave luso-chinês.

A nossa abordagem da representação da Macau setecentista em *CBP* enquanto romance histórico tem como ponto de partida a ficcionalidade do texto e o conceito de ‘mundos possíveis’, que, de acordo com David Herman, designa uma categoria mais abrangente do que a expressão ‘mundos ficcionais’,²⁵ uma vez que o romance histórico, ao efabular mundos possíveis, evoca e representa premeditadamente universos ficcionais²⁶ com alguns referentes extratextuais explícitos, afirmando Roland Barthes que o próprio

discurso histórico, à semelhança do chamado romance realista, não produz realidades, mas sim o ‘efeito do real’ na tentativa de esbater as fronteiras entre realidade e ficção.²⁷ Tomás Albaladejo caracteriza três tipos de mundos possíveis, definindo o segundo como “*ficcional verosímil [...] aquel al que corresponden los modelos de mundo cuyas reglas no son las del mundo real objetivo, pero están construidas de acuerdo con estas*”,²⁸ enquanto Lubomír Doležal²⁹ defende que quer os constructos históricos quer os ficcionais são ‘mundos possíveis’, encontrando-se os primeiros sujeitos a restrições de índole científica não impostas aos segundos. Este último autor, reagindo aos estudos de Hayden White,³⁰ expõe as diferenças entre esses dois mundos, sem negar a interpenetração entre ficção e História, e afirma que o historiador não é apenas um enunciador de significantes,³¹ uma vez que a linguagem produz mundos possíveis que remetem para o mundo real.³² Sem esta relação analógica entre os mundos ficcional e real, nem que de forma indirecta (ou partindo do mundo real para dele se afastar, como acontece na ficção científica), qualquer texto tornar-se-á ininteligível para o leitor, posição que podemos aproximar das já referidas definições de David Lodge e Michael Riffaterre de realismo literário,³³ que auxiliam a nossa definição de romance histórico. Num estudo recente sobre o realismo literário enquanto forma de representação, Pam Morris aborda a dificuldade de definir esse conceito e refere a existência desta forma de representação artística desde a Antiguidade Clássica até à actualidade, concluindo que o conceito, ao qual se encontram associados termos como *mimesis* e verosimilhança, é incontornável no discurso da crítica literária e acarreta, indissociáveis, uma dimensão cognitiva e estética. A autora defende ainda que a *mimesis* literária não equivale à realidade que representa e define realismo como “*any writing that is based upon an implicit or explicit assumption that it is possible to communicate about a reality beyond the writing*.”³⁴ O referido estudo define ainda o efeito ‘empírico’ e o ‘da verdade’ do romance, ou seja, todas as técnicas pelas quais a chamada escrita realista parece veicular a existência humana no espaço físico e no tempo cronológico.³⁵ Tal como Morris, também Darío Villanueva defende que o realismo tem sido uma constante fundamental na Literatura e defende que o texto literário não é apenas um constructo verbal, mas também mimético, não dissociável da experiência humana, levando o autor assim em conta não apenas os



aspectos formais e miméticos do romance, mas também a sua recepção pelo leitor, pois a narrativa literária, ao mesmo tempo que cria textualmente o seu mundo referencial interno, também estabelece, através do leitor, um diálogo com o mundo real, o campo externo de referência que cada leitor transporta para o texto.³⁶

Benjamim Harshaw prefere o conceito de campo interno de referência ao de mundo possível, já que este último não poderá ser completamente independente dos referentes do campo externo de referência, o mundo real.³⁷ No caso de *CBP*, o campo interno de referência convoca ficcionalmente elementos do campo externo de referência (a Macau setecentista), permitindo-nos esta inter-relação classificar essa obra como romance histórico. Entendemos, assim, o conceito de mundo possível como sinónimo de mundo ficcional verosímil, que, no caso de romances históricos como o de Coates, partilha características com o mundo real ou extra-literário para o qual remete de forma premeditada,

LITERATURA

como defende Marie-Laure Ryan, ao afirmar que o mundo representado no subgénero em questão se relaciona intimamente com o mundo real, mas que a concordância absoluta entre os elementos de ambos não se observa, ao contrário do que se passa no âmbito da historiografia.³⁸ Doležel enumera as diferenças mais significativas entre o mundo possível da História e o mundo possível ficcional, que sintetizamos de seguida como princípios que sustentam o nosso estudo de *CBP*, romance no qual conhecidos acontecimentos históricos da presença inglesa em Macau, como o incidente do barco *Lady Hughes*, caracterizam o contexto cultural e o espaço da acção, ou seja, os modelos referenciais do mundo real participam directa e indirectamente na construção do universo do texto, sendo facilmente identificáveis. De acordo com Doležel:

- o romancista tem uma liberdade superior à do historiador para se mover em mundos possíveis;
- um mundo possível onde figuras históricas interagem com personagens ficcionais não é um mundo histórico;³⁹
- nem os mundos ficcionais/constructos literários nem os históricos são habitados por pessoas reais, mas sim pelos seus possíveis correspondentes, que podem ser alterados quando transpostos para a ficção;
- os mundos ficcional e histórico são incompletos e os ‘vazios’ uma característica da sua macro-estrutura, enquanto as escolhas e modificações do romancista são determinadas por factores estéticos e literários.⁴⁰

Paul Ricoeur associa ao mundo ficcional a “*fictive experience of time*”⁴¹ das personagens, que, por sua vez, se relaciona com o poder que a Literatura tem de projectar um universo reconhecido pelo leitor como predominantemente ficcional.

Para além da (auto)classificação presente no peritexto editorial⁴² da contracapa de *CBP*,⁴³ que apresenta a obra como “*historical reconstruction*”, esta encontra-se listada como romance histórico no *World Historical Fiction Guide: An Annotated Chronological, Geographical and Topical List of Selected Historical Novels* (1973),⁴⁴ tendo sido classificada como romance histórico, reconstrução histórica e obra de cariz historiográfico desde as primeiras recensões críticas.⁴⁵ Se o texto em questão pode ser classificado como romance histórico, não pode, por sua vez,

ser imediatamente considerado uma obra de cariz historiográfico ou reconstrução histórica, como o é em algumas das recensões e dos estudos já referidos,⁴⁶ devendo os autores que optarem por estas últimas denominações complementá-las com o adjectivo ‘ficcional(izada)’.

O narrador heterodiegético onisciente de *CBP* afirma-se como um historiador/ investigador e também, até certo ponto, biógrafo que guia o leitor através da História e dos arquivos, utilizando o pretérito perfeito para rentabilizar a distanciação do passado histórico da Macau setecentista através de apartes e comentários, que só são possíveis algum tempo depois da acção, como indica a expressão “*in those times*”.⁴⁷ O narrador, ao inserir os seus comentários entre as falas das personagens, opta por não se manter neutral, enfatizando directamente a distância temporal entre o momento da acção ficcional e o da escrita ao comentar, por exemplo, uma confissão de Thomas no seu diário, afirmando “*it well reflects the age*”,⁴⁸ julgamento que implica uma visão de conjunto dos costumes da época em questão, só possível *a posteriori*, recordando ao leitor que o espaço e tempo da acção são pretéritos e inevitavelmente filtrados pela interpretação/leitura actual. Por outro lado, as próprias personagens também caracterizam o período histórico em que se movem, estratégia que Georg Lukacs denomina de “*psychologie historique*”⁴⁹ e que se observa em *CBP*.

A acção é contextualizada através de explicações de ordem civilizacional sobre hábitos e conceitos chineses identificados pelo leitor ocidental informado. O narrador assume uma posição tipicamente britânica quando, nas páginas 59 e 106, designa os europeus de “*continental Europeans*”, demonstrando uma atitude não eurocêntrica ao desempenhar a elaborada tarefa da tradução linguística e cultural para representar o Outro chinês de forma não apenas exótica, mas também familiar. Para o efeito, os ângulos de visão alternados são os das várias comunidades que compõem os diferentes espaços da acção: a chinesa, a portuguesa e a inglesa,⁵⁰ nas quais diferentes costumes, leis e interesses condicionam a acção das personagens. Aliás, historiadores como Fr. José de Jesus Maria,⁵¹ Charles Boxer⁵² e António M. Martins do Vale⁵³ estudam de que forma se organiza a sociedade heterogénea de Macau, composta não apenas por europeus e chineses, mas também por mestiços, malaio, canarins, timorenses, moçambicanos, malabares, mouros e cafres, que

LITERATURE

professam religiões diferentes do cristianismo e da religião tradicional chinesa, conferindo à paisagem humana da cidade uma tez e diversidade cultural únicas, embora as tradições sínica e lusa tenham, em grande parte, coexistido separadamente,⁵⁴ como o demonstra a própria estrutura da urbe setecentista, dividida em dois espaços, o bazar chinês e a cidadela cristã.

No caso de CBP, o campo interno de referência convoca ficcionalmente elementos do campo externo de referência (a Macau setecentista), permitindo-nos esta inter-relação classificar essa obra como romance histórico.

A acção principal de *CBP* encontra-se, logo desde o prólogo-diário, perfeitamente datada (1780) e localizada em Macau, um espaço marginal e exótico do Império Português, tratando-se, portanto, de um romance histórico que, através da narração e recepção obrigatoriamente ulteriores e retrospectivas, transporta o leitor para a História das Expansões Portuguesa e Inglesa. A narrativa reclama uma leitura, nem que ténue, pós-colonial em relação ao género (*gender*) e à crítica aos ingleses por parte da comunidade feminina chinesa através da voz de Martha. Por outro lado, a enorme distância temporal entre o momento da publicação do romance (1967) e o último ano do momento da acção (1796) – condição referida implicitamente por Sir Walter Scott no subtítulo de *Waverley, or 'Tis Sixty Years Since* (1814) e pela crítica do romance histórico como um dos requisitos do subgénero –⁵⁵ concorre para a classificação de *CBP* como romance histórico.

O facto de as personagens Martha e Thomas Kuyck Van Mierop terem referentes com existência histórica verificável não atribui automaticamente ao romance uma dimensão ou relevância historiográfica,⁵⁶ uma vez que, se exceptuarmos os seus testamentos e as breves referências a Thomas na documentação da

E. I. C. e a Marta em fontes portuguesas, a informação relativa a ambas as figuras é quase inexistente, daí que Coates retire partido dessa *dark area*⁵⁷ da História de Macau ao criar a intriga do romance, situação que podemos aproximar da caracterização algo abstracta das personagens históricas mais conhecidas nas obras de Sir Walter Scott, a favor da ‘liberdade poética’,⁵⁸ enquanto romancistas como Edward Bulwer-Lytton transformam personalidades em protagonistas das suas obras fortemente caracterizadas com base nos registos históricos,⁵⁹ o que também Coates tenta fazer, até certo ponto, em *CBP*, não sendo tal possível devido à inexistência de fontes e ao facto de Martha e Thomas Van Mierop serem praticamente desconhecidos até à publicação do romance. Sobre esta questão Della Coletta afirma: “*the imaginative freedom of the historical novel not only considers single characters and specific events, but also regards the way in which the historical sequence is manipulated, supplemented, and altered. [...] Real and invented circumstances are combined in the creation of a plot*”,⁶⁰ sendo dessa fusão que surge o subgénero de que nos ocupamos.

A intriga de *CBP* ganha forma através do recurso à História da Macau setecentista, como atestam o sumário do historial da presença inglesa na Ásia apresentado logo na terceira e quarta páginas da obra, as referências à investigação arquivística do narrador-historiador, bem como a relação de intertextualidade entre o romance e os vários estudos etnográficos e historiográficos de Austin Coates sobre Macau e Hong Kong.⁶¹ Uma comparação entre *CBP* e *Macao and the British: Prelude to Hong Kong* revela que o autor retira dos seus estudos e experiência pessoal na China material para construir o ‘mundo possível’ do romance, nomeadamente o *background* histórico-cultural.

A acção principal de *CBP* desenrola-se ao longo de dezasseis anos, desde a chegada de Thomas Kuyck Van Mierop a Macau, em 1780, até à vitória final de Martha, materializada no almoço que oferece à elite local após o baptismo do seu barco em 1796. O tempo é vivenciado de forma diferente nos vários espaços das comunidades que interagem entre si num território exótico, tornando-se também subjectivo e psicológico. De entre as personagens secundárias que se movem nesse ambiente destacam-se as personagens planas e colectivas da comunidade chinesa e dos escriturários portugueses, relativamente imutáveis até ao final da obra em que funcionam sobretudo como figurantes do pano de fundo

LITERATURA

social, o primeiro grupo de acordo com os preceitos da tradição do impenetrável Império do Meio, ou seja, da *China fashion* referida amiúde na narrativa sobretudo pelas personagens sínicas face às diferentes forças económicas europeias em confronto, nomeadamente portuguesas e inglesas, entre personagens de outras nacionalidades que marcam presença no romance, como os franceses⁶² através de Monsieur Auvray. O facto de a personagem colectiva composta pelos empregados chineses ser plana realça o plano secundário para o qual o regime europeu implantado em Macau relega a mesma, devendo-se a sua relativa apatia psicológica não ao facto de serem personagens ‘menores’, mas sim à sua caracterização verosímil como um séquito hierarquizado de empregados,⁶³ que necessita de “*sense of propriety*”⁶⁴ e das directrizes do seu mestre para manter a ordem doméstica. Martha, mulher chinesa e, logo, potencialmente uma personagem plana, torna-se a personagem redonda por excelência de *CBP*, como podemos verificar através do seu percurso de formação, sendo os empregados sínicos caracterizados de acordo com o retrato etno-histórico que Coates apresenta dos mesmos em *A Macao Narrative*, estudo historiográfico sobre Macau: “*As regards Chinese, while forbidden to reside at Macao, they performed many duties essential to the Macanese, as personal servants, laundrymen, hawkers from whom one purchased the best fruits and freshest vegetables, wharf labourers [...] and other humble services. [...] Chinese occupied basements, where they prospered and multiplied.*”⁶⁵ Para além dos cules nos lares europeus, a presença chinesa na cidade faz-se sentir diariamente através do movimento que os vendedores ambulantes da China profunda fazem de e para os mercados da urbe⁶⁶ devido à dependência alimentar que as autoridades chinesas utilizam estrategicamente para forçar os portugueses a respeitar as suas decisões, proibindo a entrada de víveres no enclave até as suas ordens serem cumpridas, como, aliás, o narrador informa num dos muitos comentários culturais: “*A Macao which no Chinese could enter was a Macao with nothing to live on but well-water*”.⁶⁷ Por lei, apenas os chineses cristãos ou construtores navais podem residir no território.⁶⁸

Se Paul Ricoeur define enredo tradicional como “*the privileged means by which we re-configure our confused, unformed, and at the limit mute temporal experience*”,⁶⁹ enfatizando as relações de causa-efeito que uma narrativa estabelece entre os seus elementos através da representação do tempo nas suas mais variadas

vertentes (psicológica, experimental e meteorológica, entre outras), o narrador de *CBP* representa ou ‘configura’ o passado histórico de forma descontínua e este último apenas se transforma num todo coerente no final do romance, quando o leitor já viajou pelos dois planos temporais, o passado recuado da infância de Martha e o momento da acção principal, ordenando finalmente e de forma linear o plano cronológico da narrativa, até então fragmentado.

Uma comparação entre CBP e Macao and the British: Prelude to Hong Kong revela que o autor retira dos seus estudos e experiência pessoal na China material para construir o ‘mundo possível’ do romance, nomeadamente o background histórico-cultural.

Quase no fim da acção, a protagonista viaja pelas ruas de Macau, entrando pela primeira vez em Mong-Há,⁷⁰ na China mais profunda, para tentar salvar Biddle. Esse dia ocupa cinco páginas do texto, provando que a duração da narrativa se baseia numa projecção selectiva do narrador e que o tempo é também um constructo que adquire uma certa subjectividade de acordo com a tensão com que as personagens o sentem ou vivenciam. No que diz respeito ao percurso formativo da personagem principal, a acção do romance começa e termina *in medias res*, sendo completada através das constantes analepses externas que preenchem elipses sobre o passado de Martha e veiculam informação que contextualiza a vida amorosa do casal Van Mierop e a ascensão económico-social da jovem. A primeira vez que Thomas parte para Cantão, o leitor sabe tanto quanto o sobrecarga, mas quando este volta a Macau já as analepses externas informaram o leitor sobre o passado da protagonista que o inglês desconhece, tornando-se o tempo local também biográfico.⁷¹

LITERATURE

As figuras e os jogos anacrónicos, enquanto incongruências temporais e estratégias premeditadas de representação do passado e de inserção de elementos materiais ou categorias culturais num período histórico ao qual não pertencem, evocam o tempo histórico ao preencher o espaço diegético com marcas que evocam o passado e funcionam como ‘enciclopédia’ do mesmo.⁷² Os anacronismos de *CBP* rentabilizam a presença de emblemáticas figuras históricas inglesas no enclave, podendo o leitor informado e/ou competente⁷³ reconhecer Thomas Beale (1775-1841) ‘desfamiliarizado’ de forma anacrónica na personagem Abraham Biddle. Se atentarmos no facto de Beale chegar a Macau em 1791, período correspondente ao final da acção do romance, e se suicidar quarenta e cinco anos depois, poderemos concluir que a anacronia, fruto do carácter híbrido do romance histórico, visa enfatizar a natureza ficcional da obra e a distanciação temporal entre o momento da acção e o da escrita/recepção do texto. O exótico aviário de Beale, “*a rarity in Macao*”,⁷⁴ é durante muito tempo o ex-líbris do enclave descrito por inúmeros viajantes⁷⁵ e outros romances ingleses.⁷⁶ O referente histórico com que Biddle partilha características, e a cujo nome o seu se aproxima foneticamente (Biddle-Beale), torna-se um dos comerciantes ingleses mais ricos do entreposto no início do século XIX, após ter sido autorizado, em Fevereiro de 1814, a comprar uma casa e comercializar em Macau,⁷⁷ onde permanece durante cinquenta anos até se suicidar, em 1841. No início de 1817, o ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira autoriza a sua residência no território por mais cinco anos para este normalizar as contas junto dos seus credores⁷⁸ e, em 1822, o Senado reconhece “sem algum embaraço, [...] a protecção e liberdade de comerciar n’esta Cidade, segundo os Reais Avisos expedidos a favor do mesmo, pelos quaes lhe era concedido fazer livremente o seu giro e quaesquer transacções mercantis.”⁷⁹ O agente reside durante algum tempo na Rua do Hospital, onde Marta e Thomas haviam morado e o Pe. Manuel Teixeira adianta que a sua história, ficcionalizada no romance, tem um “fim verdadeiro”,⁸⁰ identificando acontecimentos que são base para a intriga da narrativa: “O dinheiro [para comprar o ácido prússico com que Beale se suicida] foi-lhe dado, não por Marta, mas pelo seu bom amigo William Hunter [...]. O cadáver de Beale foi enterrado na areia da praia a 11 de Dezembro de 1841 por pescadores chineses, que guardam segredo absoluto.”⁸¹ Um mês depois, o corpo é descoberto e sepultado no

Cemitério Protestante de Macau. Num estudo sobre Macau, o próprio Coates descreve o envolvimento de Beale na primeira crise do ópio (1815), durante a qual este fica a dever \$800.000 à E. I. C.⁸² Devido à transferência de acontecimentos históricos de uma época para outra, *CBP* assume-se como um exemplo de ficção ucrónica.⁸³ A propósito da utilização anacrónica de traços biográficos de Beale e da crise do ópio no romance recordem-se as palavras de Doležel:

*“if it is revealed (by new documents say) that a person who did not actually exist or could not have participated in the event was included in an historical world, he or she has to be removed from the group [...]. No such restriction applies to the [...] agents in fictional worlds. [...] It is a defining feature of the genre that fictional persons coexist and interact with counterparts of historical persons.”*⁸⁴

Biddle associa-se ao juiz Paulo Mascarenhas Pereira, que, por seu lado, partilha traços identificadores com outra figura histórica de Macau, o ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira,⁸⁵ cuja história fornece a intriga de um episódio do romance, como podemos verificar através do estudo de J. M. Braga, que descreve os negócios conjuntos de Beale e do juiz:

*“Thomas Beale [...] he had been engaging, on the side, for several years, in business between Calcutta and Macao in conjunction with the prominent Macao merchant, Senhor Januário Agostinho de Almeida, Baron San José do Porto Alegre, and his son-in-law, the Chief Justice, Senhor Miguel de Arriaga Brum de Silveira, who failed to the extent of nearly two million dollars, [...] Beale] had to declare bankruptcy; in their insolvency Arriaga and Almeida had dragged Beale down with them. The Select Committee of the English E. I. Company [...] found out the true position their reports to the Directors in London were very critical of Senhor Arriaga, who as the Judge had no right to engage in trade and whose incursion into business had proved so disastrous to Thomas Beale. Beale made attempts to pay off his indebtedness and entertained hopes of recovering substantial sums from the Baron and the Judge, but the deaths of these two within a few months of each other in 1825 and 1824, respectively, led to the Company’s decision to close the account with the sum of over two hundred thousand dollars unpaid.”*⁸⁶

Coates conhece Braga em Macau e fornece-lhe informações sobre Thomas Van Mierop para o estudo

LITERATURA

que acabámos de citar, ficando assim clara a relação deste último texto com a acção ficcional de *CBP*.

A partir do jogo entre as modalidades mistas de existência⁸⁷ é dada ao leitor a possibilidade de correlacionar três mundos, o real ou histórico (implícito), o ficcional e o universo do jogo anacrónico com base na história das presenças portuguesa e inglesa em Macau, tornando-se *CBP*, de acordo com a tipologia de Joseph W. Turner, um romance histórico que recria um passado documentado.⁸⁸ Enquanto as personagens referenciais (que partilham o nome e características com figuras históricas) adquirem uma existência ficcional, as personagens totalmente ficcionais, como Fong ou Ignatius, contracenam com figuras documentadas nos anais da História, como Thomas, Marta, Cuming ou Browne,⁸⁹ sendo o contexto em que as mesmas se movem representado também através dos resultados da investigação nos arquivos.

O jogo premeditado entre a ficção e a História estende-se igualmente aos nomes de casas comerciais e mercadores, como acontece quando Duncan e Thomas conversam sobre a carga do *Clarissa*, cujos agentes em Bombaim são Dadabhoy, Rustomjee and Watts.⁹⁰ O nome da casa comercial é ficcional, mas apenas devido à adição do apelido inglês no fim do mesmo, pois Dadhabhoy (n. 1811) e Maneckjee Rustomjee (n. 1815) são dois irmãos parses que se iniciam no *China Trade* a partir de Bombaim e mudam, por volta de 1830, a sua casa comercial, a D. and M. Rustomjee, para Cantão, onde traficam ópio.⁹¹ Mais uma vez, Coates serve-se de elementos anacrónicos para enriquecer a dimensão histórica do romance, que repensa a política ‘colonial’ europeia através da representação do progresso⁹² do enclave ao longo de núcleos narrativos como a crise do ópio, e a chegada das primeiras mulheres inglesas ao território,⁹³ encontrando-se, portanto, o discurso do narrador atento às mudanças no tempo e no espaço. Com base na informação apresentada num estudo de Coates,⁹⁴ podemos concluir que a chegada das primeiras europeias a Macau no romance é um episódio historicamente anacrónico, uma vez que, embora a primeira mulher inglesa chegue à urbe na última década do século XVIII, apenas no início do século seguinte as mulheres britânicas aí se estabelecem.

O facto de alguns leitores conferirem a *CBP* um estatuto demasiado historiográfico leva, por exemplo, Benjamim Videira Pires⁹⁵ a considerar o construtor naval Delfino José Ribeiro, personagem criada por

Coates, uma figura histórica real da Macau setecentista, e, ao falar da figura e do Legado de Marta em Macau, afirmar erradamente que foi Thomas que deu ao barco desta última o nome de “Martha Merope” [*sic*],⁹⁶ sendo o romance utilizado como bibliografia crítica nesses estudos, tal como acontece no de Patrícia Drumond Borges Ferreira.⁹⁷ Esta opção poderá dever-se ao facto de se confundirem os estudos historiográficos de Coates com o romance, que, apesar de o autor descrever a apurada investigação que antecede a sua redacção, não pode ser considerado uma representação fiel e científica das histórias de Marta da Silva Van Mierop e de Macau, mesmo que a obra se assuma como “reconstituição histórica”, pois, como afirma Jonathan Nield, recorrendo ao conceito de *historic suggestiveness*, “the historical novel exists primarily as Fiction”.⁹⁸ Também Herlander Machado, assumindo que o apelido de Thomas é Merop e não Mierop (devido à transformação fonética que o sobrenome de Marta sofre em Macau), recorre a *CBP* para recolher elementos biográficos da jovem e do sobrecarga, que nem de acordo com o romance morre em Londres, ao contrário do que Machado afirma, mas sim a caminho da Europa, ressaltando este último o facto de Coates poder estar a efabular.⁹⁹ Num estudo sobre o “dialecto macaense”, Graciete Nogueira Batalha refere que *City of Broken Promises* recria “o ambiente de Macau nos finais do século XVIII, [e] fala do *compradore* como o primeiro membro do pessoal doméstico duma casa abastada”,¹⁰⁰ afirmando a autora não ter encontrado confirmação da utilização do termo comprador nos textos escritos e orais em crioulo de Macau. A consulta de fontes e estudos ingleses poderia facilmente ter preenchido esse vazio das narrativas macaenses.

Para além de as personagens descodificarem as suas falas¹⁰¹ e atitudes, os seus comportamentos e personalidades são descritos, inúmeras vezes, através de recursos estilísticos que remetem quer para o estatuto ficcional do discurso literário que representa o passado histórico quer para a dimensão literária das personagens e para o estilo de escrita de Coates, como podemos observar através do quadro seguinte, que lista as figuras de estilo enquanto sinais explícitos e premeditados de ficcionalidade através dos quais o narrador caracteriza diversas situações.

A comparação e a repetição de episódios, vocábulos, símbolos e temáticas são as figuras de estilo mais utilizadas na narrativa pelo narrador e pelas

LITERATURE

personagens, intensificando a expressividade da mesma, pelo que a definição de ‘romance autoconsciente’ de Robert Alter se aplica a *CBP*, embora de forma ténue, no que diz respeito, por um lado, à utilização dos recursos estilísticos e, por outro, aos comentários do narrador autoconsciente que filtra o universo representado, facilitando a interpretação do leitor europeu, que se encontra espacial e temporalmente afastado desse mundo possível:

*“[a] self-conscious novel is one that systematically flaunts its own condition of artifice and that by so doing probes into the problematic relationship between real-seeming artifice and reality [...]. A fully self-conscious novel is one in which [...] there is a consistent effort to convey to us a sense of the fictional world as an authorial construct”.*¹⁰³

Patricia Waugh define, entre outras marcas da metaficção, a autoconsciência em torno da linguagem,

da forma literária e do próprio acto de ficcionalizar,¹⁰⁴ podendo essa estratégia ser observada, embora com pouca intensidade, em *CBP*, pois as figuras de estilo remetem para o poder da linguagem utilizada pelo narrador e pelas personagens, bem como para o estatuto ficcional destas últimas (cf. quadro), funcionando alguns comentários do narrador-historiador também como exercícios metaficcionais.

A comparação por semelhança e dissemelhança torna-se gradualmente um dos recursos estilísticos mais comuns no romance, concorrendo para a caracterização contrastiva de personagens (Fong-Martha/Thomas-Cuming)¹⁰⁵ e para a riqueza etnográfica e poética do texto, exigindo do leitor um exercício de interpretação intercultural de forma a desvendar os sentidos e sentimentos implícitos nesses paralelismos.

Em *CBP* podem ainda observar-se outras características associadas ao paradigma pós-moderno

O RECURSO ESTILÍSTICO ENQUANTO MARCA EXPLÍCITA DA ACÇÃO FICCIONAL

Recursos estilísticos referidos em <i>CBP</i>	Função dos recursos estilísticos
– “personification of chaos” (p. 43);	representação da desordem inicial da casa de Thomas;
– “to him [Thomas] she would yield her reticences” (p. 48);	caracterização do relacionamento do casal Van Mierop;
– “China was a world of euphemism” (p. 50); – “euphemistically [...]” (p. 165);	a ambiguidade moral do termo pensioner (prostituta) e o recurso a <i>fastboat</i> para designar uma embarcação lenta, que parece uma casa;
– “literary daring” (p. 50);	exagero do termo <i>fastboat</i> aplicado a uma embarcação lenta;
– “metaphor and hyperbole” (p. 73);	armas diplomáticas de um senador de Macau: a metáfora para facilitar a apreensão da mensagem e a hipérbole para amedrontar Teresa da Silva e demovê-la de se vingar de Martha, encontrando-se, assim, a retórica ao serviço da manipulação política;
– “The listlessness, of poetic proportions” (p. 77);	transmite a intensidade dos sentimentos que Martha provoca em Thomas;
– “irony was lost on her” (p. 115); – “Ironically enough” (p. 132); – “life’s infinite capacity for irony” (p. 216); – “she [Martha] leading him on with irony” (p. 235); – “[...] unaware of irony” (p. 306);	caracteriza o irónico percurso da jovem na sociedade patriarcal em que o bispo e a E. I. C. acabam por lhe comprar flores sem saber. ¹⁰² Refira-se ainda a ironia de que as personagens se servem como arma de defesa;
– “He [Cuming] himself prudence personified” (p. 153).	a referência à personificação revela a atitude, os estratagemas e interesses de Cuming.

LITERATURA

como a representação de vários episódios simultâneos em diversos espaços e de versões diferentes, ou seja, de alternativas da História,¹⁰⁶ que acabam por contribuir para a existência de várias interpretações que destronam uma leitura/representação dogmática da própria História. Tal como a identidade de Martha e o próprio texto em si, também o espaço da Macau setecentista se encontra em constante construção e, como afirma Elisabeth Wesseling sobre o revivalismo pós-modernista do romance histórico:

*“Postmodernist novelists [...] depart from the traditional novel by inventing alternate versions of history, which focus on groups of people who have been relegated to insignificance by official history. In this way, unrealized possibilities that lie dormant in certain historical situations are brought to our attention [...] from the perspective of the losers of historical struggle for power”.*¹⁰⁷

Linda Hutcheon¹⁰⁸ aborda também a temática da “metaficção historiográfica”, ou seja da auto-consciência da História e da ficção enquanto construções humanas, que, por sua vez, se afasta do modelo scottiano, colocando a ênfase não na factualidade mas na verosimilhança do discurso historiográfico metaficcional enquanto estratégia que problematiza o conhecimento histórico,¹⁰⁹ inclusive a história das mulheres, o que acontece quando *CBP* torna audíveis as vozes femininas silenciadas na História de Macau ao representar ficcionalmente o percurso singular de Martha, face à passividade e ao destino típico da mulher chinesa. Partindo da definição de Hutcheon, Adriana Bebianio conclui que existem aspectos comuns ao romance histórico clássico e às metaficções historiográficas que revelam a continuidade entre os mesmos, nomeadamente as personagens e os eventos históricos, a atenção ao pormenor na reconstituição rigorosa da época retratada e a colocação do processo histórico no centro da trama ficcional.¹¹⁰ Já O. Steimberg de Kaplan¹¹¹ afirma que o “novo romance histórico”, por oposição ao romance histórico tradicional, se preocupa mais em explicar e explorar os acontecimentos do que em descrevê-los de forma minuciosa, enquanto Lukacs¹¹² e Maria de Fátima Marinho¹¹³ referem que o romance histórico tradicional ressuscita poeticamente figuras que foram agentes da História, objectivo que a narrativa de Coates também se propõe atingir sobretudo no que diz respeito ao casal Van Mierop no enclave setecentista. A voz da

figura histórica Marta Van Mierop, relativamente silenciada até à publicação de *CBP*, ganha uma nova importância na historiografia de Macau,¹¹⁴ provando que existem diferentes formas de (re)ver um mesmo episódio ou uma época histórica, tal como acontece em *Orlando: A Biography* (1928), de Virginia Woolf, quando o narrador assume o estatuto de intérprete e mediador do passado histórico.

Maria de Fátima Marinho¹¹⁵ considera indispensável a inclusão de dados históricos rigorosos na intriga do romance, requisito que se observa em *CBP* relativamente à informação retirada quer dos testamentos das figuras históricas quer dos arquivos sobre factos e episódios locais e internacionais que têm lugar durante o tempo da acção. Os comentários do narrador, enquanto métodos discursivos, remetem para a concepção humana do tempo e também para a História enquanto estratégia narrativa, pois a paisagem é não só humana e natural, como também temporal, sendo o fluir do tempo marcado por acontecimentos quer no Oriente quer no Ocidente, estes últimos implícitos nas referências das personagens, por exemplo, às guerras da independência norte-americana e à Revolução Francesa.¹¹⁶

Elisabeth Wesseling caracteriza três fases no percurso do subgénero: o romance histórico *a la* Scott, a imitação deste com algumas variantes e, por fim, as experimentações modernistas e pós-modernistas,¹¹⁷ encontrando-se *CBP* entre as duas últimas fases ao partilhar características com os romances de Scott (nomeadamente os dialectos/regionalismos e a descrição verosímil de personagens e acontecimentos) e com o paradigma pós-moderno no que diz respeito à recuperação de vozes silenciadas e à ênfase do estatuto ficcional do texto.¹¹⁸ Esta mesma partilha leva Avrom Fleishman a afirmar que o romance histórico explora sucessivamente novas possibilidades, evitando assim a repetição estéril de formas anteriores,¹²⁰ como fica provado através da análise de *CBP*. **RC**

Nota do Autor: Este artigo baseia-se num capítulo da nossa Tese de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada, em 2006, à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, “A World of Euphemism: Representação de Macau na Obra de Austin Coates”.

NOTAS

- 1 Vide James Kerr, *Fiction Against History: Scott as Storyteller*, p. 1; Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, p. 9, e idem, *Um Poço sem Fundo*, pp. 11-63.
- 2 Cf. David Roberts, "The Modern German Historical Novel: An Introduction", in David Roberts e Philip Thomson (eds.), *The Modern German Historical Novel*, pp. 1-2; Carlos Reis e Ana C. M. Lopes, s.v. "Romance histórico", in *Dicionário de Narratologia*, p. 369 e Pascal B. Kyiiripuo Kyoore, *The African and Caribbean Historical Novel in French: A Quest for Identity*, pp. 1-2, 188.
- 3 Sobre as características da narrativa/representação historiográfica que a aproximam e afastam da narrativa literária, vejam-se: R. G. Collingwood, *The Idea of History*, pp. 244-253; Leo Braudy, *Narrative Form in History and Fiction*; O. Hayden White, *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*; idem, "The Fictions of Factual Representation", in Angus Fletcher (ed.), *The Literature of Fact*, pp. 21-43; idem, *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*, passim; idem, "The Value of Narrativity in the Representation of Reality", *Critical Enquiry*, n.º 7, pp. 5-27; idem, *Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*, pp. v-42; Robert H. Canary e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*; Linda Hutcheon, *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*; idem, "'The Pastime of Past Time': Fiction, History, Historiographical Metafiction", in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, pp. 473-495; Adriana Alves de Paula Martins, "História e Ficção: Um Diálogo", Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992, pp. 8-22; Ansgar Nünning, s.v. "Historical Writing and the Novel", in Paul Schellinger (ed.), *Encyclopedia of the Novel*, vol. 1, pp. 548-553 e Linda Proud, "Truth is no Stranger to Fiction", *History Today*, vol. 54, n.º 11, pp. 30-31.
- 4 Vide Carlos Reis e Ana C. M. Lopes, *op. cit.*, p. 369.
- 5 Expressão de Guy Scarpetta, "A Literatura, Espelho da História? O Que Só os Romances Podem Dizer", *Le Monde Diplomatique*, n.º 48, ano 4, Março de 2003, p. 30.
- 6 David Cowart, *History and the Contemporary Novel*, p. 6.
- 7 Cf. Mary Lascelles, *The Story-Teller Retrieves the Past: Historical Fiction and Fictitious History in the Art of Scott, Stevenson, Kipling, and Some Others*, p. 20 e Haskell M. Bloch, *Naturalistic Triptych: The Fictive and the Real in Zola, Mann and Dreisden*, p. 78, que, na página 82, recorda, tal como Avrom Fleishman, *The English Historical Novel: Walter Scott to Virginia Woolf*, p. 3, que as fontes documentais funcionam como ponte de partida para o romancista.
- 8 Idem, *ibidem*, p. 8.
- 9 Elisabeth Wesseling, *Writing History as a Prophet: Postmodernist Innovations of the Historical Novel*, p. vii.
- 10 Michel Vanooosthuyse, *Le roman historique: Mann, Brecht, Döblin*, pp. 15, 63.
- 11 Lubomír Doležel, "Fictional and Historical Narrative: Meeting the Postmodernist Challenge", in David Herman (ed.), *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, p. 262. Vejam-se igualmente W. Wolfgang Holdheim, *The Hermeneutic Mode: Essays on Time in Literature and Literary Theory*, pp. 222-225 e Richard Humphrey, *The Historical Novel as Philosophy of History: Three German Contributions: Alexis, Fontane, Döblin*, pp. vii-34.
- 12 Carlos Ceia, *O Que é Afinal o Pós-Modernismo*, pp. 69-70. Esta temática é também abordada por Paul Ricoeur relativamente à configuração do tempo (*within-time-ness*), em *Time and Narrative*, vol. 1, p. 227 e por Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, Tempo e Narração*, pp. 249-264.
- 13 Neil McEwan, *Perspective in British Historical Fiction Today*, p. 25.
- 14 Idem, *ibidem*, p. 184. Sobre o 'declínio' do romance histórico e da sua recente 'recuperação', vejam-se: James C. Simmons, *The Novelist as Historian*, pp. 55-63 e Daniel Balderston (ed.), *The Historical Novel in Latin America: A Symposium*, pp. 10-11. Günter Mühlberger e Kurt Habitzel, "The German Historical Novel from 1780 to 1945: Utilising the Innsbruck Database", in Osman Durrani e Julian Preece (eds.), *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel*, p. 5, observam que o subgénero foi olhado com desdém por alguma crítica literária, gerando-se um vazio entre os interesses da Academia e do público.
- 15 Alessandro Manzoni, *Del Romanzo Storico: On the Historical Novel*, pp. 72-73.
- 16 Vide Sandra Bermann, "Introduction", in Alessandro Manzoni, *Del Romanzo Storico: On the Historical Novel*, p. 23.
- 17 Avrom Fleishman, *op. cit.*, p. xi.
- 18 Idem, *ibidem*, pp. 4, 10, 13, respectivamente.
- 19 Cf. Castelo Branco Chaves, *O Romance Histórico no Romantismo Português*, p. 43.
- 20 Walter Scott, "Prefatory Letter from the Reverend Doctor Dryasdust of York to Captain Clutterbuck, Residing at Fairy-Lodge, Near Kennaquhair, N. B.", in *Peveril on the Peak*, pp. 41-42. Sobre a relação entre ficção e História na obra de Scott, veja-se James Kerr, *Fiction Against History: Scott as Storyteller*, pp. 1-17.
- 21 Terry Eagleton, *Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory*, p. 70 e idem, *The English Novel: An Introduction*, p. 6. Veja-se também Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, pp. 640-646.
- 22 José Saramago, "História e Ficção", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano 10, n.º 400, 06-03-1990, pp. 17-20. Durante uma entrevista a Saramago sobre a "valorização do irreal e do impossível" na sua obra, Bruno Caseirão questiona o romancista acerca da visão crua do real e do imaginário nos seus romances, respondendo este último: "praticamente todos os meus romances, sobretudo a partir do *Memorial do Convento*, partem de, ou têm num determinado momento, uma impossibilidade [...] que pode ser mais ou menos influente na história, mas tem que estar lá. [...] No *Memorial do Convento* é impossível que a Blimunda veja através da pele das pessoas [...], na *História do Cerco de Lisboa* diz-se que os cruzados não ajudaram os portugueses [...]" ("Especial José Saramago: Entrevista", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano 23, n.º 873, 17-03-2004, p. 18).
- 23 Patrícia Drumond Borges Ferreira, *As Relações Luso-Britânicas na China Meridional (Século XVII)*, p. xv.
- 24 Idem, *ibidem*.
- 25 David Herman, "Introduction: Narratologies", in David Herman (ed.), *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, p. 22, recorre a este conceito, também abordado por Ludomír Doležel, "Mimesis and Possible Worlds", *Poetics Today*, vol. 9, n.º 3, 1988, pp. 475-496, que utiliza a ideia de "possible-worlds semantics of fictionality".
- 26 Cf. Carlos Reis, "Fait historique et référence fictionnelle: le roman historique", *Dedalus Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 2, Dezembro de 1992, p. 145.
- 27 Roland Barthes, "L'effet de réel", *Communications*, n.º 11, 1968, pp. 84-89.
- 28 Tomás Albaladejo Mayordomo, *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa*, p. 58. Vejam-se Adriana Alves de Paula Martins, "História e Ficção: Um Diálogo", Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 43-98, e Ana Paula Arnaut, *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo: Fios de Ariadne. Máscaras de Proteu*, pp. 234-257.
- 29 Lubomír Doležel, "Fictional and Historical Narrative", pp. 247-273.

LITERATURA

- 30 Para um estudo do *emplotment* na historiografia, veja-se Hayden O. White, "The Historical Text as a Literary Artifact", in Robert A. Canary e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*, pp. 47-62; idem, *Tropics of Discourse*, pp. 70-79. Apesar da aproximação de White entre narrativa historiográfica e literária, as características ou convenções partilhadas pela historiografia e pela narrativa ficcional em termos de forma, como a selecção e organização de factos e as noções de tempo, espaço e *emplotment* não fazem automaticamente com que História e ficção pertençam exactamente à mesma ordem de discurso. Peter Lamarque e Stein Haugom Olson, *Truth, Fiction and Literature: A Philosophical Perspective*, pp. 171-229 e Dorrit Cohn, *The Distinction of Fiction*, pp. 114-130, reagem à tendência pós-moderna de abordar a forma de escrever a História e a ficção a partir do mesmo pressuposto, defendendo que os elementos poético-re-tóricos presentes no discurso historiográfico não são suficientes para o considerar literatura, tendo o historiador uma responsabilidade diferente da do romancista. Esta questão, da qual não nos ocupamos, foi debatida entre George G. Iggers, "Historiography between Scholarship and Poetry: Reflections on Hayden White's Approach to Historiography", *Rethinking History*, vol. 4, n.º 3, Dezembro de 2000, pp. 373-390 e Hayden White, "An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers)", *ibidem*, pp. 391-406.
- 31 Lubomír Doležel, "Fictional and Historical Narrative", p. 248.
- 32 Idem, *ibidem*, p. 255.
- 33 David Lodge, *Modes of Modern Writing*, p. 25; idem, "Analysis and Interpretation of the Realist Text", *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, 1980, pp. 5-18; idem, *The Novelist at the Crossroads and other Essays on Fiction and Criticism*, p. 4 e Michael Riffaterre, *Fictional Truth*, pp. xiii, xiv. Sobre a questão do realismo no romance histórico, consulte-se Georg Lukacs, *Le roman historique*, pp. 73-95 e sobre a '(crise de) representação' pós-moderna e o conceito de *mimesis*, Ana Paula Arnaut, *op. cit.*, pp. 19-22, 219-293. Elizabeth Deeds Ermarth, *Sequel to History: Postmodernism and the Crisis of Representational Time*, p. 3, sintetiza o debate pós-moderno em torno do poder de representação da linguagem e da Literatura: "Postmodernism conceives language as a system of signs, that is, as something internally coherent and not merely a neutral collection of travelling pointers with which we indicate 'real things'." Vejam-se idem, *Realism and Consensus in the English Novel*, pp. 95-165 e Carlos Ceia, *O Que é Afinal o Pós-Modernismo?*, pp. 35-42.
- 34 Pam Morris, *Realism*, p. 9.
- 35 Idem, *ibidem*, pp. 101-113.
- 36 Dario Villanueva, *Theories of Literary Realism*, p. xii. Veja-se também Lilian R. Furst, *All Is True: The Claims and Strategies of Realist Fiction*, pp. 1-27.
- 37 Benjamin Harshaw, "Fictionality and Fields of Reference. Remarks on a Theoretical Framework", *Poetics Today*, vol. 5, n.º 2, 1984, pp. 227-251.
- 38 Marie-Laure Ryan, "Mundos posibles y relaciones de accesibilidad: Una tipología semántica de la ficción", in Antonio Garrido Domínguez (ed.), *Teorías de la ficción literaria*, p. 182.
- 39 Também Gérard Genette, "Fictional Narrative, Factual Narrative", *Poetics Today*, vol. 11, n.º 4, 1990, p. 762, afirma que uma personagem histórica num romance é, acima de tudo, um constructo ficcional.
- 40 Lubomír Doležel, "Mimesis and Possible Words", pp. 482-493 e idem, "Fictional and Historical Narrative", pp. 256-258. Vejam-se igualmente Umberto Eco, *Seis Paseos nos Bosques da Ficção*, pp. 101-115; Antonio Garrido Domínguez, "Teorías de la ficción literaria: los paradigmas", in idem (ed.), *op. cit.*, pp. 11-40; Annalisa Oboe, *Fiction, History and Nation in South Africa*, pp. 9-16 e Richard Slotkin, "Fiction for the Purposes of History", *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 221-236.
- 41 Paul Ricoeur, *Time and Narrative*, vol. 2, p. 76, que, na página 100, define o conceito de *fictive experience of time* como o aspecto temporal dessa experiência de "se-estar-no-mundo" proposta pelo romance, uma vez que o tempo se humaniza ao ser organizado em forma de narrativa e esta última só faz sentido se representar características da experiência temporal. Para uma contra-argumentação a esta posição teórica e para uma definição da "Episodic Self Experience", por oposição à "Diachronic Narrative Self Experience", veja-se Galen Strawson, "A Fallacy of our Age: Not Every Life is a Narrative", *The Times Literary Supplement*, n.º 5298, 15-10-2004, pp. 13-15.
- 42 Conceito de Gérard Genette, *Seuils*, pp. 26-29.
- 43 Na edição de 1990, por nós utilizada. No prólogo editorial da primeira edição do romance (Frederick Muller, Londres), pode ler-se "*authentic novel of the early days of western trade with China [...]. Austin Coates' long and close association with the Chinese and his perceptive understanding of the Portuguese combine to produce a work in which men and women of three different races are portrayed with fidelity and assurance, enabling the reader to look deeply into the complex and delicate distinctions between western and oriental ways of thought and behaviour. City of Broken Promises is not only an absorbingly strange story but a valuable historical insight into a little-known world*" (sublinhados nossos).
- 44 Daniel D. McGarry e Sarah Harriman White, *World Historical Fiction Guide*, p. 289, entrada n.º 3926 da secção "Asia in the Modern Times. China", na qual se encontra uma sinopse do romance: "A Chinese orphan girl who is raised in a convent and sold into concubinage becomes one of the richest women on the waterfront." Na verdade, Martha não é vendida para concubinação, preferindo a segurança de um lar britânico ao mundo chinês da prostituição.
- 45 Pe. Manuel Teixeira, *Galeria de Mulheres Ilustres de Macau*, p. 33, descreve a obra como um "romance que pretende ser histórico". São vários os estudos e recensões que classificam a obra como romance histórico: Gregory Leong, "Austin Coates... Caught Out in One Word", *Hong Kong Arts Centre*, vol. 1, Janeiro de 1978, p. 17 ("historical account"); Ong Choo Suat, "Book Review: Story of a 'Pensioner'", *The National Echo*, edição de Penang, 15-03-1978, pp. 16-17 ("a rich tapestry of Macao life"); Paula Gormly, "Second Time Around", *South China Morning Post*, vol. 36, n.º 88, 30-03-1980, p. 18 ("interesting time in history"); Mandie Appleyard, "Coates Captures Colonial Spirit", *Hong Kong Standard*, 11-04-1988, p. 15 ("historical work"); Paulo Coutinho, "Austin Coates: As Calçadas do Futuro", *Ponto Final*, ano II, n.º 67, II série, 14-01-1994, p. 19 ("obra sobre o Território"); Anónimo, "Morreu Austin Coates", *A Capital*, 2.ª série, ano 30, n.º 9102, 18-03-1997, p. 40 ("relata [...] com grande fidelidade e pormenor a vida do território"); João Guedes, "The Gentleman of Colares", *Macau*, edição especial inglesa, p. 139 ("historical novel"); Anónimo, [obituário] "Austin Coates: Composer's Son who Explored the Islands of the South Seas", *Daily Telegraph*, n.º 44. 994, 26-03-1997, p. 27 ("historical work"); Christina Miu Bing Cheng, *Macau: A Cultural Janus*, p. 142: ("historical work"); Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, p. xv ("romance histórico"); Jules Brown e Sophy Fisher, *The Rough Guide to Hong Kong & Macau*, 2002, p. 289 ("historical novel") e Ilaria Maria Sala, "Austin Coates", *China Perspectives: Macau Special*, n.º 26, 1999, p. 98 ("a novel set against an historical background"). Esta última autora afirma erroneamente que Thomas Kuyck van "Meriop" [sic] é o fundador da Lloyd's de Londres, quando na verdade é o pai deste que funda a instituição.
- 46 Os seguintes recensores ou críticos literários classificam a obra como historiográfica, não distinguindo romance histórico de estudo sobre Macau: Gregory Leong, *op. cit.*, p. 17 ("historical account"); Mandie Appleyard, *op. cit.*, p. 15 ("historical work"); anónimo, "Austin Coates: Composer's Son", p. 27 ("historical work"); Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, p. 181 ["reconstrução histórica da vivência de Macau entre os anos de 1780 [sic 1766] e 1795 [sic 1796]. Permite-nos compreender a vida social, económica, política e religiosa de Macau na época."].

LITERATURE

- 47 CBP, p. 98.
- 48 *Ibidem*, p. 191. Austin Coates utiliza uma variante desta expressão nos seus estudos para definir comportamentos típicos de uma época. Veja-se *Macao and the British*, p. 67 (“typical of that age”).
- 49 Georg Lukacs, *op. cit.*, pp. 63, 328-331. O exercício narrativo que revela as causas e os efeitos do passado nos acontecimentos posteriores, bem como a auto-reflexividade e autoconsciência por parte do narrador são estudados como instrumentos da metaficção historiográfica por Linda Hutcheon, “The Pastime of Past Time”, pp. 482-491. O narrador de CBP refere ainda Mr Gibbon, que remete para o historiador Edward Gibbon (1737-1794), ao afirmar que o sotaque *cockney* de Biddle “resounded imperturbably on a flow of prose sometimes worthy of Mr. Gibbon himself.” (CBP, p. 13). Como é sabido, Gibbon vive no período tempo da acção do romance e é autor da famosa *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (1776-1788), cuja prosa “is cool, lucid, and enlivened by ironic wit” [Margaret Drabble, s. v. “Decline and Fall of the Roman Empire”, in idem, (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, p. 265]. A comparação por semelhança enaltece a eloquência e destreza verbal de Biddle, apesar do seu sotaque *cockney*.
- 50 Na página 170, o narrador enumera os membros da comunidade comercial em pânico durante a crise do ópio, no enclave: “country trade Europeans, Americans, Parsis, Portuguese and Chinese”.
- 51 Fr. José de Jesus Maria, *Ásia Sínica e Japónica*, vol. 2, p. 230.
- 52 Charles R. Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente*, p. 269.
- 53 A. M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau (1750-1800)*, p. 117.
- 54 Cf. João de Pina Cabral e Nelson Lourenço, *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, p. 11.
- 55 Avrom Fleishman, *op. cit.*, p. 3 e Maria de Fátima Marinho, *op. cit.*, p. 11, defendem duas gerações de intervalo entre o tempo da acção e o da redacção da obra.
- 56 Vide Marian H. Cusac, *Narrative Structure in the Novels of Sir Walter Scott*, p. 89 e Albert W. Halsall, *Lart de convaincre*, p. 271.
- 57 Conceito de Brian McHale, *Postmodernist Fiction*, p. 87.
- 58 Cf. Harold Ovel, *The Historical Novel from Scott to Sabatini*, p. 8.
- 59 Vide Elisabeth Wesseling, *op. cit.*, pp. 51-54 e Hugh Walpole, “The Historical Novel in England since Sir Walter Scott”, in Herbert John Constable Grierson (ed.), *Sir Walter Scott To-Day*, pp. 161-188.
- 60 Della Coletta, *Plotting the Past*, p. 41.
- 61 *Macao and the British: Prelude to Hong Kong; Myself a Mandarin e A Macao Narrative*.
- 62 Sobre a presença francesa em Macau, veja-se Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 28-56.
- 63 O narrador lista os inúmeros empregados de Thomas através da apresentação que Biddle faz ao futuro dono da casa, revelando os luxos que os elevados lucros do *China Trade* permitem: “compradore, four ouseboys and body servants, a cook, two laundry women, two gardeners, a bell boy, and two chair bearers” (CBP, p. 14), sendo Martha referida mais tarde (*ibidem*, p. 15), facto que revela a diferença do seu estatuto inicial com *pensioner*.
- 64 *Ibidem*, p. 37.
- 65 Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 39.
- 66 CBP, p. 287. Sobre o transporte diário de víveres chineses para os mercados de Macau, já no século xx, veja-se Ninélio Barreira, *Ou-Mun: Coisas e Tipos de Macau*, p. 145.
- 67 CBP, p. 73. Esta estratégia é também utilizada nas feitorias de Cantão durante o incidente do *Lady Hughes* (*ibidem*, p. 105).
- 68 *Ibidem*, p. 127. Vide Beatriz Basto da Silva, *Cronologia da História de Macau*, vol. 2, pp. 31, 96.
- 69 Paul Ricoeur, *Time and Narrative*, vol. 1, p. xi.
- 70 Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 389, descreve o monte de Mong-Há, que se assemelha ao espaço representado em CBP durante a exótica deambulação de Martha: “Mong significa olhar; Há baixo, isto é, olhar para baixo. Outrora Mong-Há não era o que é hoje. Havia apenas umas várzeas, onde espreguiçavam aqui e além palhotas de agricultores e um estandal de sepulturas [chinesas] do outro lado”, elementos presentes na descrição da viagem de Martha à China profunda.
- 71 A propósito do conceito de ‘tempo local’, Richard Humphrey, *The Historical Novel as Philosophy of History: Three German Contributions: Alexis, Fontane, Döblin*, p. 25, cita Bertrand Russel (*The Analysis of Mind*, 1921, p. 128): “There is not one universal time, except by an elaborate construction; there are only local times, each of which may be taken to be the time within one biography”.
- 72 Vide Celia Fernández Prieto, “El anacronismo: formas y funciones”, in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, vol. 1, p. 250.
- 73 Consultem-se Umberto Eco, *Seis Passeios*, pp. 15, 22, 114 e David Lodge, “Analysis and Interpretation of the Realist Text”, p. 7, respectivamente.
- 74 CBP, p. 285 e pp. 144, 170, 285-286. Relativamente às anacronias existentes no romance, consultem-se as afirmações de Lubomír Doležal, “Fictional and Historical Narrative”, pp. 256, 258-259, sobre a liberdade do romancista em relação ao historiador: “The fiction maker is free to roam over the entire universe of possible worlds, to call into fictional existence a world of any type [...], supernatural or fantastic [...], natural or realistic [...]. In contrast, historical worlds are restricted to the physically possible. [...] Fiction makers, especially of the postmodernist stripe, are fascinated by the challenge of constructing impossible worlds [...]. If possible worlds of fiction and history are incomplete, then gaps are a universal feature of their macrostructure. [...] The fiction writer is free to vary the number, the extent and the functions of the gaps; his choices are determined by aesthetic (stylistic) and semantic factors.”
- 75 Vejam-se Harriett Low, *Lights and Shadows of a Macao Life*, vol. 1, pp. 74-75 (Outubro de 1829); George Bennett, *Wanderings in New South Wales, Batavia, Pedir Coast, Singapore, and China; Being the Journal of a Naturalist in those Countries, during 1832, 1833, and 1834*, pp. 36-52, 57-78; W. S. W. Ruschenberger, *Narrative of a Voyage Round the World*, vol. 2, pp. 199-201; Rebecca Chase Kinsman, “The Daily Life of Mrs. Nathaniel Kinsman in Macao” [1843], *The Essex Institute Historical Collection*, vol. 86, Outubro de 1950, pp. 25-26 e C. Toogood Downing, *The Fan-qui in China in 1836-7*, vol. 1, pp. 38-39.
- 76 Por exemplo, Timothy Mo, *An Insular Possession*, p. 67 [“Mr. Veale’s aviary”] e p. 599, romance no qual o suicídio de Beale é também ficcionalizado (*ibidem*, pp. 373, 380, 599), à semelhança do que acontece em CBP.
- 77 Arquivo Histórico Macau [AHU], *Macau*, cx. 37, doc. 14 e Catherine Pagani, *Eastern Magnificence & European Ingenuity: Clocks of Late Imperial China*, 2004, p. 109.
- 78 Cf. AHU, *Macau*, cx. 42, docs. 16, 26; cx. 45, docs. 21, 49; cx. 46, doc. 31; cx. 63, doc. 2 e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *Correspondência Oficial Trocada entre as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado: Fundo das Chapas Sínicas em Português (1749-1847)*, vol. 6, 2000, docs. n.º 138 e 254.
- 79 Cf. *Abelha da China 1822-1823* (n.º 6, 17-10-1822), p. 24.
- 80 Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 303-304.
- 81 Cf. idem, “O Herói de um Romance [Thomas Beale]”, espólio pessoal do autor, cota: MAN. A. 72, cx. 16, 496, Centro Científico e Cultural de Macau [C C C M], 31 pp., s./d.
- 82 Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 140-141. Sobre da vida e morte de Beale, veja-se William C. Hunter, *Bits of Old China*, pp. 73-77.
- 83 Consulte-se Elisabeth Wesseling, *op. cit.*, pp. 100-105.
- 84 Ludomír Doležal, “Fictional and Historical Narrative”, p. 257.
- 85 Veja-se Pe. Manuel Teixeira, *Os Ouvidores em Macau*, pp. 145-158.
- 86 J. M. Braga, “A Seller of ‘Sing-Songs’: A Chapter in the Foreign Trade of China and Macao”, *Journal of Oriental Studies*, vol. 6, n.º 1-2, 1961-1964, pp. 103-104.

LITERATURA

- 87 John Woods, *The Logic of Fiction*, pp. 41-42, define como modalidades mistas de existência a convivência de figuras e factos históricos com personagens e episódios ficcionais no romance.
- 88 Cf. Joseph W. Turner, "The Kinds of Historical Fiction: An Essay in Definition and Methodology", *Genre*, vol. 12, n.º 3, Outono de 1979, p. 335, tradução nossa.
- 89 Para a descrição de um episódio que leva, em Março de 1776, ao confronto entre os sobrecargas ingleses e o governador de Macau, na sequência do ataque de guardas da cidade a George Cuming, quando este se encontra na casa da sua amante chinesa, veja-se British Library (Londres) – Oriental and India Office Collections, G/12/59, fls. 26-43.
- 90 *CBP*, p. 163.
- 91 Vide Peter Ward Fay, *The Opium War 1840-1842*, pp. 145, 157, 238, 284.
- 92 As transformações históricas são consideradas um dos temas específicos do romance histórico por Georg Lukacs no seu conhecido estudo sociológico de influência marxista sobre o romance histórico tradicional. De acordo com o autor, o choque entre forças sociais é uma das características mais importante do subgénero, tendo sido o ambiente da luta entre forças sociais a dar origem ao romance histórico no início do século XIX (cf. Georg Lukacs, *Le roman historique*, pp. 31-95). Para um estudo sobre a abordagem de Lukacs do romance histórico, veja-se Barbara Foley, *Telling the Truth: The Theory and Practice of Documentary Fiction*, pp. 147-155.
- 93 Como afirmam Austin Coates, *Macao and the British*, p. 106 e Lindsay Ride e May Ride, *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, p. 47, apenas no final do século XVIII chegam mulheres inglesas a Macau, transformando-se essa presença num elemento constante da sociedade local só no início do século seguinte. Até então, os oficiais da E. I. C. mantêm relações com mulheres nativas de forma encoberta para evitar o ostracismo social e as represálias da Companhia, que proíbe o casamento dos sobrecargas com mulheres não inglesas. Esta realidade é representada em *CBP* quer através da relação do casal Van Mierop quer através do inglês ostracizado por viver com uma mulher chinesa.
- 94 Austin Coates, *A Macao Narrative*, pp. 64, 104-107.
- 95 Benjamim Videira Pires, *A Vida Marítima de Macau no Século XVIII*, p. 187, secção intitulada "Bibliografia Crítica".
- 96 Idem, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 171.
- 97 Veja-se Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, p. 181.
- 98 Jonathan Nield, *A Guide to the Best Historical Novels and Tales*, pp. xxv-xxvi.
- 99 Herlander Machado, *Macau de Ontem e de Hoje, Síntese Histórica*, p. 33.
- 100 Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense*, p. 150.
- 101 Cuming interpreta as suas próprias palavras para clarificar Thomas e para que não restem quaisquer dúvidas ("which being interpreted", *CBP*, p. 8).
- 102 Sem saber quem providencia as flores, é Thomas que autoriza os pagamentos a Martha, assinando as suas "unsuspecting initials" nos livros de contabilidade da E. I. C. (*ibidem*, p. 132). Esta referência às iniciais de Thomas, juntamente com uma outra, na página 42 do romance, são recordadas durante a consulta das fontes documentais da E. I. C., onde o nome e a assinatura do sobrecarga Van Mierop aparecem redigidos de forma abreviada várias vezes (British Library (Londres) – Oriental and India Office Collections, R/10/11, parte 2, fl. 1; R/10/13, fl. 1), facto que se relaciona com o saber que Coates adquire durante a investigação nos arquivos da Companhia. Relativamente à florista das feitorias de Cantão, e de acordo com William C. Hunter, *op. cit.*, p. 10, n.º 4, essa função cabe, como seria de esperar, a uma chinesa, podendo o leitor encontrar neste facto um paralelismo interessante entre a ficção de *CBP* e a realidade histórica.
- 103 Robert Alter, *Partial Magic: The Novel as a Self-Conscious Genre*, p. xi. Veja-se também Hilary Lawson, *Reflexivity: The Post-Modern Predicament*, pp. 7-30.
- 104 Patricia Waugh, *Metafiction*, p. 2.
- 105 O narrador também compara Pedro da Silva a um poeta romântico devido à aparência que o seu cabelo despenteado lhe confere (*CBP*, p. 181).
- 106 Por exemplo, o facto de Thomas e Martha não casarem à face da Igreja.
- 107 Elisabeth Wesseling, *op. cit.*, pp. vii-viii. Vejam-se também Linda Hutcheon, "The Pastime of Past Time", pp. 479-491 e Carlos Ceia, *O Que é Afinal o Pós-Modernismo?*, pp. 9-23, 33-39, 69-71.
- 108 Linda Hutcheon, "The Pastime", pp. 473-495 e idem, *A Poetics of Postmodernism*, p. 5.
- 109 Vide as definições de romance histórico pós-moderno de Elizabeth Wessling, *op. cit.*, pp. 193-194; John Martin McLeod, "Rewriting History: Postmodern and Postcolonial Negotiations in the Fiction of J. G. Farrell, Timothy Mo, Kazuo Ishiguro and Salman Rushdie", Tese de Doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à Universidade de Leeds, 1995, pp. 2-5, 75-107; Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, pp. 37-43 e Amy Elias, "Metahistorical Romance, the Historical Sublime, and Dialogic History" e Sally Bachner, "He Had Pushed his Imagination into Buddy's Brain", or, How to Escape History in Coming Through Slaughter", *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 159-172 e 197-220, respectivamente.
- 110 Adriana Bebiano, "A História como Aventura: Entre o Escapismo e o Questionamento", in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *op. cit.*, vol. 1, 2004, p. 54.
- 111 O. Steinberg de Kaplan, "Le roman historique: interprétation et connaissance", in Hendrik van Gorp e Ulla Musarra-Schroeder (eds.), *Genres as Repositories of Cultural Memory*, p. 11.
- 112 Georg Lukacs, *op. cit.*, pp. 43-44.
- 113 Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, p. 22.
- 114 Consultem-se as já citadas obras de Benjamim Videira Pires e de Herlander Machado, bem como os artigos do Pe. Manuel Teixeira, "Martha Merop: Autópsia a um livro", *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 17-03-1968, pp. 5-6; idem, "Martha Merop", *ibidem*, n.º 88, 21-03-1968, pp. 4-6; idem, "Martha Merop: Autópsia a um livro", *ibidem*, n.º 89, 24-03-1968, pp. 5-6 e idem, *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau*, 1974.
- 115 Maria de Fátima Marinho, *op. cit.*, p. 20.
- 116 O próprio narrador explica, duas vezes, o contexto mundial que condiciona a acção do romance: "Then war came – the War of the French Revolution – and the number of continental ships coming to China fell sharply" e "It was the time of the War of the French Revolution, and ships had to travel in convoy, due to danger from Philipines and Java, both Spain and Holland being allies of revolutionary France. There were endless delays in cargo deliveries, and it became extremely difficult to obtain holdspace." (*CBP*, p. 154 e 158, respectivamente). Esta estratégia narrativa poderá ainda ser interpretada à luz do estudo historiográfico de H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, p. 187: "A third important thing to consider was the influence which European wars had upon the Continental trade. Between 1779 and 1783 there were no French ships at Canton, because France had come to the support of the Americans in their war for independence. [...] The beginning of the Wars of the French Revolution ended reviving the French trade after 1792".
- 117 Elisabeth Wesseling, *op. cit.*, pp. 42-92.
- 118 Sobre a incorporação de perspectivas e figuras marginalizadas no romance histórico pós-moderno, veja-se também Kerstin Bowsher, "(De-)constructing Post-Colonial Identities: A Reading of Novels by Carlos Fuentes and Abel Posse", *Hispanic Research Journal*, vol. 6, n.º 2, Maio de 2005, pp. 131-145.
- 119 Cf. Avrom Fleishman, *op. cit.*, p. 35, ideia também presente no sugestivo título de Maria Cecília Bruzzi Boechat et alii (org.), *Actas do Colóquio Romance Histórico: Recorrências e Transformações*.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia activa

Coates, Austin [1990 (1967)], *City of Broken Promises*, 3.^a edição, Oxford University Press, Oxford.

Bibliografia passiva**Fontes manuscritas**

British Library (Londres)

Oriental and India Office Collections, G/12/59; R/10/11, parte 2; R/10/13.

Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa [AHU]

Macau, cx. 37, doc. 14; cx. 42, docs. 16, 26; cx. 45, docs. 21, 49; cx. 46, doc. 31; cx. 63, doc. 2.

Estudos, fontes impressas e obras literárias

Anónimo (26-03-1997), [obituário] “Austin Coates: Composer’s Son who Explored the Islands of the South Seas”, *Daily Telegraph*, vol. 44, n.º 994, p. 27.

____ (18-03-1997), “Morreu Austin Coates”, *A Capital*, 2.^a série, ano 30, n.º 9102, p. 40.

A Abelha da China. 1822-1823. Edição do Exemplar Original do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Centro de Publicações da Universidade de Macau/Fundação Macau, Macau, 1994.

Albadalejo Mayordomo, Tomás (1986), *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa*, Universidad de Alicante, Alicante.

Alter, Robert (1975), *Partial Magic: The Novel as a Self-Conscious Genre*, University of California Press, Berkeley.

Appleyard, Mandie (11-04-1988), “Coates Captures Colonial Spirit”, *Hong Kong Standard*, p. 15.

Arnaut, Ana Paula (2002), *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo: Fios de Ariadne. Máscaras de Proteu*, Almedina, Coimbra.

Bachner, Sally (2005), “He Had Pushed his Imagination into Buddy’s Brain’, or, How to Escape History in Coming Through Slaughter”, *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, pp. 197-220.

Balderston, Daniel (ed.) (1986), *The Historical Novel in Latin America: A Symposium*, Ediciones Hispamerica-Roger Thayer Stone Center for Latin American Studies, Tulane University, New Orleans.

Barreira, Ninélio (1994), *Ou-Mun: Coisas e Tipos de Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau.

Barthes, Roland (1968), “L’effet de réel”, *Communications*, n.º 11, pp. 84-89.

Batalha, Graciete Nogueira (1977), *Glossário do Dialecto Macaense: Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas: Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, vols. 15, 16 e 17 (edição revista dos três artigos numa só publicação).

Bebiano, Adriana (2004), “A História como Aventura: Entre o Escapismo e o Questionamento”, in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, vol. 1, Faculdade de Letras do Porto/Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Porto, pp. 53-59.

Bennett, George, *Wanderings in New South Wales, Batavia, Pedir Coast, Singapore, and China; Being the Journal of a Naturalist in those Countries, during 1832, 1833, and 1834*, 2 vols., Richard Bentley, Londres, 1834.

Bloch, Haskell M. (1970), *Naturalistic Tritych: The Fictive and the Real in Zola, Mann, and Dreisden*, Random House, Nova Iorque.

Boechat, Maria Cecília Bruzzi et alii (org.) (2000), *Actas do Colóquio Romance Histórico: Recorrências e Transformações*, FALE/UFGM, Belo Horizonte.

Boxer, Charles Ralph (1990), *Fidalgos no Extremo Oriente. 1550-1770*, Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, Macau.

Bowsher, Kerstin (05-2005), “(De-)constructing Post-Colonial Identities: A Reading of Novels by Carlos Fuentes and Abel Posse”, *Hispanic Research Journal*, vol. 6, n.º 2, pp. 131-145.

Braga, José Maria (1961-1964), “A Seller of ‘Sing-Songs’: A Chapter in the Foreign Trade of China and Macao”, *Journal of Oriental Studies*, vol. 6, n.º 1-2, pp. 61-108.

Braudy, Leo (1970), *Narrative Form in History and Fiction: Hume, Fielding, and Gibbon*, Princeton University Press, Princeton.

Brown, Jules e Sophy Fisher (2002), *The Rough Guide to Hong Kong & Macau*, Rough Guides, Nova Iorque.

Cabral, João de Pina e Nelson Lourenço (1993), *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, Instituto Cultural de Macau, Macau.

Canary, Robert A. e Henry Kozicki (eds.) (1978), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*, University of Wisconsin Press, Madison, pp. 41-62.

Caseirão, Bruno (17-03-2004), “Especial José Saramago: Entrevista”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano 23, n.º 873, pp. 17-19.

Ceia, Carlos (1999), *O Que é Afinal o Pós-Modernismo?*, Edições Século XXI, Lisboa.

Chaves, Castelo Branco (1979), *O Romance Histórico no Romantismo Português*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa.

Cheng, Christina Miu Bing (1999), *Macau: A Cultural Janus*, Hong Kong University Press, Hong Kong.

Coates, Austin (1978), *A Macao Narrative*, Oxford University Press, Oxford.

____ (1989), *Macao and the British 1637-1842, Prelude to Hong Kong*, Oxford University Press, Oxford.

Cohn Dorrit, (1999), *The Distinction of Fiction*, The John Hopkins University Press, Baltimore.

Coletta, Della (1996), *Plotting the Past*, Purdue University Press, West Lafayette.

Collingwood, R. G. (1946), *The Idea of History*, Clarendon Press, Oxford.

Coutinho, Paulo (14-01-1994), “Austin Coates: As Calçadas do Futuro”, *Ponto Final*, ano II, n.º 67, II série, pp. 18-19.

Cowart, David (1989), *History and the Contemporary Novel*, Southern Illinois University Press, Carbondale.

Cusac, Marian H. (1969), *Narrative Structure in the Novels of Sir Walter Scott*, Mouton, Haia.

LITERATURA

- Doležel, Lubomír (1988), "Mimesis and Possible Worlds", *Poetics Today*, vol. 9, n.º 3, pp. 475-496.
- _____ (1999), "Fictional and Historical Narrative: Meeting the Postmodernist Challenge", in David Herman (ed.) *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, Ohio State University Press, Columbus, pp. 247-273.
- Domínguez, Antonio Garrido (1997), "Teorías de la ficción literaria: los paradigmas", in Antonio Garrido Domínguez (ed.), *Teorías de la ficción literaria*, Arco/Libros, Barcelona, pp. 11-40.
- Downing, C. Toogood (1972), *The Fan-Qui in China in 1836-7*, vol. 1, Irish University Press, Shannon.
- Drabble, Margaret (2000), s. v. "Decline and Fall of the Roman Empire", in Margaret Drabble (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, Oxford University Press, Oxford: 265.
- Eagleton, Terry (1980), *Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory*, Verso, Londres.
- _____ (2005), *The English Novel: An Introduction*, Blackwell, Oxford.
- Eco, Umberto (1997), *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, Difel, Alges.
- Elias Amy (2005), "Metahistorical Romance, the Historical Sublime, and Dialogic History" in Coming Through Slaughter", *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, pp. 159-72.
- Ermarch, Elizabeth Deeds (1983), *Realism and Consensus in the English Novel*, Princeton University Press, Princeton.
- _____ (1992), *Sequel to History: Postmodernism and the Crisis of Representational Time*, Princeton University Press, New Jersey.
- Fay, Peter Ward (1997), *The Opium War 1840-1842*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill.
- Ferreira, Patrícia Drumond Borges (2002), *As Relações Luso-Britânicas na China Meridional (Século XVII)*, Centro de Estudos de História do Atlântico/Secretaria Regional do Turismo e Cultura da Região Autónoma da Madeira, Funchal.
- Fleishman, Avrom (1972), *The English Historical Novel: Walter Scott to Virginia Woolf*, The John Hopkins Press, Baltimore.
- Foley, Barbara (1986), *Telling the Truth: The Theory and Practice of Documentary Fiction*, Cornell University Press, Ithaca.
- Fonseca, Fernanda Irene (1992), *Deixis, Tempo e Narração*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto.
- Furst, Lilian R. (1995), *All Is True: The Claims and Strategies of Realist Fiction*, Duke University Press, Durham.
- Genette, Gérard (1987), *Seuils*, Éditions du Seuil, Paris.
- _____ (1990), "Fictional Narrative, Factual Narrative", *Poetics Today*, vol. 11, n.º 4, pp. 755-774.
- Gormly, Paula (30-03-1980), "Second Time Around", *South China Morning Post*, vol. 36, n.º 88, p. 18.
- Guedes, João (1997), "The Gentleman of Colares", *Macau*, edição especial inglesa, pp. 132-139.
- Halsall, A. W. (1988), *L'art de convaincre. Le récit pragmatique: rhétorique, idéologie, propagande*, Les Éditions Paratexte, Toronto.
- Harshaw, Benjamim (1984), "Fictionality and Fields of Reference", *Poetics Today*, vol. 5, n.º 2, pp. 227-251.
- Herman, David (ed.) (1999), *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, Ohio State University Press, Columbus.
- Hoffman, Michael J. e Patrick D. Murphy (eds.) (1996), *Essentials of the Theory of Fiction*, Duke University Press, Durham (Carolina do Norte).
- Holdheim, W. Wolfgang (1984), *The Hermeneutic Mode: Essays on Time in Literature and Literary Theory*, Cornell University Press, Ithaca.
- Humphrey, Richard (1986), *The Historical Novel as Philosophy of History: Three German Contributions: Alexis, Fontane, Döblin*, Institute of Germanic Studies-University of London, Londres.
- Hunter, William C. (1885), *Bits of Old China*, Kegan Paul, Trench, Londres.
- Hutcheon, Linda (1988), *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*, Routledge, Londres.
- _____ (1998), "'The Pastime of Past Time': Fiction, History, Historiographical Metafiction", in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, Duke University Press, Durham-Carolina do Norte, pp. 473-495.
- Iggers, George G. (12-2000), "Historiography between Scholarship and Poetry: Reflections on Hayden White's Approach to Historiography", *Rethinking History*, vol. 4, n.º 3, pp. 373-390.
- Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.) (2000), *Correspondência Oficial Trocada entre as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado: Fundo das Chapas Sínicas em Português (1749-1847)*, 8 vols., Fundação Macau, Macau.
- Kaplan, O. Steimberg de (2000), "Le roman historique: interprétation et connaissance", in Hendrik van Gorp e Ulla Musarra-Schroeder (eds.), *Genres as Repositories of Cultural Memory. Volume 5 of the Proceedings of the XVth Congress of the International Comparative Literature Association "Literature as Cultural Memory"*, Leiden 16-22 August 1997, Atlanta GA, Amesterdão, pp. 7-16.
- Kerr, James (1989), *Fiction Against History: Scott as Storyteller*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Kinsman, Rebecca Chase (10-1950), "The Daily Life of Mrs. Nathaniel Kinsman in Macao, China. Excerpts from Letters of 1844", *The Essex Institute Historical Collection*, selecção de Frederick C. Munroe, vol. 86, pp. 311-330.
- Kyoor, Pascal B. Kyiiripuo (1996), *The African and Caribbean Historical Novel in French: A Quest for Identity*, Peter Lang, Nova Iorque.
- Lamarque, Peter e Stein Haugom Olson (1994), *Truth, Fiction and Literature: A Philosophical Perspective*, Clarendon Press, Oxford.
- Lascelles, Mary (1980), *The Story-Teller Retrieves the Past: Historical Fiction and Fictitious History in the Art of Scott, Stevenson, Kipling, and some Others*, Clarendon Press, Oxford.
- Lawson, Hilary (1985), *Reflexivity: The Post-Modern Predicament*, Hutchinson, Londres.
- Leong, Gregory (01-1978), "Austin Coates...Caught out on One Word", *Hong Kong Arts Centre*, vol. 1, pp. 16-17.
- Lodge, David (1971), *The Novelist at the Crossroads and other Essays on Fiction and Criticism*, Routledge, Londres.

LITERATURE

- _____ (1977), *Modes of Modern Writing*, Edward Arnold, Londres.
- _____ (1980), "Analysis and Interpretation of the Realist Text", *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, pp. 5-22.
- Low, Harriett (2002), *Lights and Shadows of a Macao Life: The Journal of Harriett Low, Travelling Spinster, Part One: 1829-1832/Part Two: 1832-1834*, 2 vols., introdução, transcrição e notas de Nan P. Hodges e Arthur W. Hummel, The History Bank, Woodinville.
- Lukacs, Georges (1965), *Le roman historique*, tradução para francês de Robert Saille, Payot, Paris.
- McEwan, Neil (1987), *Perspective in British Historical Fiction Today*, Macmillan, Londres.
- McGarry, Daniel D. e Sarah Harriman White (1973), *World Historical Fiction Guide: An Annotated Chronological, Geographical and Topical List of Selected Historical Novels*, The Scarecrow Press, New Jersey.
- McHale, Brian (1987), *Postmodernist Fiction*, Methuen, Londres.
- McLeod, John Martin (1995), "Rewriting History: Postmodern and Postcolonial Negotiations in the Fiction of J. G. Farrell, Timothy Mo, Kazuo Ishiguro and Salman Rushdie", Tese de Doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à School of English da Universidade de Leeds, Leeds.
- Machado, Herlander (1981), *Macao de Ontem e de Hoje: Síntese Histórica*, Bloco Gráfico, Porto.
- Manzoni, Alessandro (1984), *Del Romanzo Storico: On the Historical Novel*, tradução do italiano para inglês de Sandra Bermann, University of Nebraska Press, Lincoln.
- Maria, Frei José de Jesus (1988), *Ásia Sínica e Japónica*, 2 vols., prefácio e notas de Charles Ralph Boxer, Instituto Cultural de Macau/Centro de Estudos Marítimos de Macau, Macau.
- _____ (1999), *O Romance Histórico em Portugal*, Campo das Letras, Porto.
- _____ (2006), *Um Poço sem Fundo: Novas Reflexões sobre Literatura e História*, Campo das Letras, Porto.
- Marinho, Maria de Fátima e Francisco Topa (coord.) (2004), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, 2 vols., Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Martins, Adriana Alves de Paula (1992), "História e Ficção: Um Diálogo", Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Mo, Timothy (1987), *An Insular Possession*, Picador-Pan Books, Londres.
- Morris, Pam (2003), *Realism*, Routledge, Londres.
- Mühlberger, Günter e Kurt Habitzel (2001), "The German Historical Novel from 1780 to 1945", in Osman Durrani e Julian Preece (eds.), *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel*, Rodopi, Amesterdão, pp. 5-24.
- Nield, Jonathan (1929), *A Guide to the Best Historical Novels and Tales*, Elkin Mathews & Marrot, Londres.
- Nünning, Ansgar (1998), s. v. "Historical Writing and the Novel", in Paul Schellinger (ed.), *Encyclopedia of the Novel*, vol. 1, Fitzroy Dearborn, Londres, pp. 548-553.
- Oboe, Annalise (1997), *Fiction, History and Nation in South Africa*, Supernova, Veneza.
- Ovel, Harold (1995), *The Historical Novel from Scott to Sabatini: Changing Attitudes Towards a Literary Genre, 1814-1920*, Macmillan, Londres.
- Pagani, Catherine (2004), *Eastern Magnificence & European Ingenuity: Clocks of Late Imperial China*, University of Michigan Press, Michigan.
- Pires, Benjamim Videira, S. J. (1988), *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)*, Instituto Cultural de Macau, Macau.
- _____ (1993), *A Vida Marítima de Macau no Século XVIII*, Instituto Cultural de Macau/Museu Marítimo de Macau, Macau.
- Pieto, Celia Fernández (2004), "El anacronismo: formas y funciones", in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, vol. 1, Faculdade de Letras do Porto/Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Porto, pp. 249-259.
- Pritchard H. (1999), *Britain and the China Trade*, Routledge, Londres.
- Proud, Linda (11-1994), "Truth is no Stranger to Fiction", *History Today*, vol. 54, n.º 11, pp. 30-31.
- Puga, Rogério Miguel (2002), "Orlando ou a Paródia em Torno dos Géneros", *Op. Cit. Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos/ A Journal of Anglo-American Studies*, n.º 5, pp. 91-125.
- _____ (2004), "Chinese Pidgin English as a Narrative Strategy and the Polyphonic Dimension of Austin Coates' *City of Broken Promises* (1967) and Timothy Mo's *An Insular Possession* (1986)", *BELL 2004: Belgium Journal of English Language and Literatures-The Language/Literature Interface*, nova série, n.º 3, pp. 103-112.
- _____ (2006), *O Essencial sobre o Romance Histórico*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa.
- Reis, Carlos (12-1992), "Fait historique et référence fictionnelle: le roman historique", *Dedalus Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 2, pp. 141-147.
- Reis, Carlos e Ana Cristina M. Lopes (1994), s.v. "Romance Histórico", in *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra, pp. 369-371.
- _____ (1985), *Time and Narrative*, 2 vols., tradução para inglês de Kathleen McLaughlin e David Pellander, The University of Chicago Press, Chicago.
- Ride, Lindsay e May Ride (1996), *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, introdução de Bernard Mellor, Hong Kong University Press, Hong Kong.
- Riffaterre, Michael (1993), *Fictional Truth*, The John Hopkins University Press, Baltimore.
- Roberts, David (1991), "Introduction", in David Roberts e Philip Thomson (eds.), *The Modern German Historical Novel: Paradigms, Problems and Perspectives*, Berg, Nova Iorque, pp. 1-18.
- Ruschenberger, W. S. W. (1838), *Narrative of a Voyage Round the World during the Years 1835, 36, and 37; Including a Narrative of an Embassy to the Sultan of Muscat and the King of Siam*, 2 vols., Richard Bentley, Londres.
- Ryan, Marie-Laure (1997), "Mundos posibles y relaciones de accesibilidad: una tipología semántica de la ficción", in

LITERATURA

- Antonio Garrido Domínguez (ed.), *Teorías de la ficción literaria*, Arco/Libros, Madrid, pp. 181-205.
- Sala, Ilaria Maria (1999), "Austin Coates: *Macao and the British, 1637-1842, Prelude to Hong Kong, City of Broken Promises, A Macao Narrative*", *China Perspectives: Macao Special*, n.º 26, p. 98.
- Saramago, José (06-03-1990), "História e Ficção", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano 10, n.º 400, pp. 17-20.
- Scarpetta, Guy (03-2003), "A Literatura, Espelho da História? O que só os Romances Podem Dizer", *Le Monde Diplomatique*, ano 4, n.º 48, pp. 30-31.
- Scott, Sir Walter (1932), "Prefatory Letter from the Reverend Doctor Dryasdust of York to Captain Clutterbuck, Residing at Fairy-Lodge, Near Kennaquhair, N. B.", in *Peveril of the Peak*, J. M. Dent & Sons, Londres, pp. 34-44.
- Silva, Beatriz Basto da (1992-1997), *Cronologia da História de Macau*, vol. 1, Séculos XVI-XVII e vol. 2, Século XVIII, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1988), *Teoria da Literatura*, Livraria Almedina, Coimbra.
- Simmons, James C. (1973), *The Novelist as Historian*, Mouton, Paris.
- Strawson, Galen (15-10-2004), "A Fallacy of our Age: Not Every Life is a Narrative", *The Times Literary Supplement*, n.º 5298, pp. 13-15.
- Suat, Ong Choo (15-03-1978), "Book Review: Story of a 'Pensioner'", *The National Echo*, edição de Penang, pp. 16-17.
- Teixeira, Pe. Manuel (17-03-1968), "Martha Merop: Autópsia a um Livro", *O Clarim*, ano 20, n.º 87, pp. 5-6.
- _____, (21-03-1968), "Martha Merop: Autópsia a um Livro", *O Clarim*, ano 20, n.º 88, pp. 4-6.
- _____, (24-03-1968), "Martha Merop: Autópsia a um Livro", *O Clarim*, ano 20, n.º 89, pp. 5-6.
- _____, [s./d. (c. 1970)], "O Herói de um Romance [Thomas Beale]", manuscrito de 31 pp. sobre a figura histórica e literária de Thomas Beale (Abraham Biddle). Espólio pessoal de Monsenhor Manuel Teixeira, Centro Cultural e Científico de Macau (Lisboa). Cota: MAN. A. 72, cx. 16, 496.
- _____, (1974), *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau*, Centro de Informação e Turismo/Imprensa Nacional, Macau, (parcialmente publicado como "Galeria de Mulheres Ilustres em Macau", *Revista de Cultura*, 2.ª série, n.º 24, Julho-Setembro de 1995, pp. 203-228).
- _____, *Os Ouvidores em Macau*, Imprensa Nacional, Macau, 1976.
- _____, (1997), *Toponímia de Macau*, vol. 1, Instituto Cultural de Macau, Macau.
- Turner, Joseph W. (1979), "The Kinds of Historical Fiction: An Essay in Definition and Methodology", *Genre*, vol. 12, n.º 3, pp. 333-355.
- _____, (1997), *Os Portugueses em Macau (1750-1800): Degredados, Ignorantes e Ambiciosos ou Fiéis Vassallos d'El Rei?*, Instituto Português do Oriente, Macau.
- Vanoosthuysse, Michel (1996), *Le roman historique: Mann, Brecht, Döblin*, Presses Universitaires Françaises, Paris.
- Villanueva, Darío (1997), *Theories of Literary Realism*, State University of New York Press, Albany.
- Walpole, Hugh (1932), "The Historical Novel in England since Sir Walter Scott", in H. I. C. Grierson (ed.), *Sir Walter Scott To-Day: Some Retrospective Essays and Studies*, Constable & Co., Londres, pp. 161-188.
- Waugh, Patricia (1984), *Metafiction: The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction*, Methuen, Londres.
- Wesseling, Elisabeth (1991), *Writing History as a Prophet: Postmodernist Innovations of the Historical Novel*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdão.
- White, O. Hayden (1973), *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, John Hopkins University Press, Baltimore.
- _____, (1976), "The Fictions of Factual Representation", in Angus Fletcher (ed.), *The Literature of Fact*, Columbia University Press, Nova Iorque, pp. 21-43.
- _____, (1978a), "The Historical Text as Literary Artifact", in Robert A. Canary e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*, University of Wisconsin Press, Madison, pp. 41-62.
- _____, (1978b), *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*, The John Hopkins Press, Baltimore.
- _____, (1981), "The Value of Narrativity in the Representation of Reality", *Critical Enquiry*, n.º 7, pp. 5-27.
- _____, (2000), *Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*, John Hopkins University Press, Baltimore.
- _____, (12-2000), "An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers)", *Rethinking History*, vol. 4, n.º 3, pp. 391-406.
- Woods, John (1974), *The Logic of Fiction*, Mouton, Haia.
- Woolf, Virginia (1958), "The New Biography", in *Granite and Rainbows: Essays by Virginia Woolf*, The Hogarth Press, Londres, pp. 149-155.